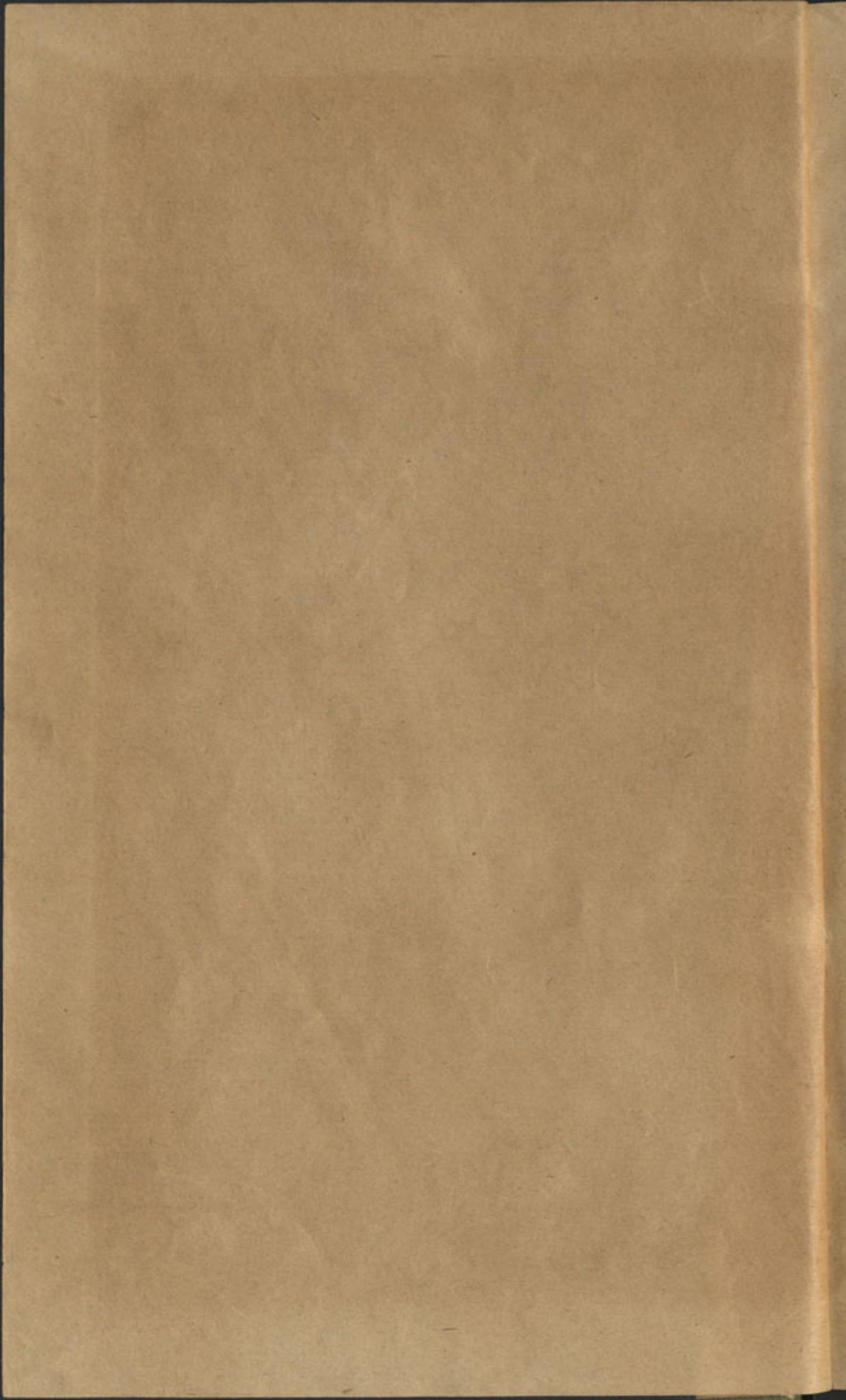


8

118

2

8
118
2



ANUÁRIO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ANUÁRIO

DA

ANUÁRIO DE 1919-1920
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

—○—
1919-1920

INVARIO

PROTECTOR DE COMERCIO

1819-1880

ANUÁRIO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Ano lectivo de 1919-1920

CALENDÁRIO



COIMBRA
IMPRESA ACADÉMICA

—
1920

ANUARIO

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Ano lectivo de 1919-1920



COIMBRA
UNIVERSITY LIBRARY

1920

ANO ESCOLAR DE 1914-1915

OUTUBRO

1	Segunda-feira	11	Segunda-feira	21	Terça-feira
2	Terça-feira	12	Terça-feira	22	Quarta-feira
3	Quarta-feira	13	Quarta-feira	23	Quinta-feira
4	Quinta-feira	14	Quinta-feira	24	Sexta-feira
5	Sexta-feira	15	Sexta-feira	25	Sábado
6	Sábado	16	Sábado	26	Domingo
7	Domingo	17	Domingo	27	Segunda-feira
8	Segunda-feira	18	Segunda-feira	28	Terça-feira
9	Terça-feira	19	Terça-feira	29	Quarta-feira
10	Quarta-feira	20	Quarta-feira	30	Quinta-feira
11	Quinta-feira				
12	Sexta-feira				
13	Sábado				
14	Domingo				
15	Segunda-feira				
16	Terça-feira				
17	Quarta-feira				
18	Quinta-feira				
19	Sexta-feira				
20	Sábado				

CALENDÁRIO

NOVEMBRO

1	Segunda-feira	11	Segunda-feira	21	Terça-feira
2	Terça-feira	12	Terça-feira	22	Quarta-feira
3	Quarta-feira	13	Quarta-feira	23	Quinta-feira
4	Quinta-feira	14	Quinta-feira	24	Sexta-feira
5	Sexta-feira	15	Sexta-feira	25	Sábado
6	Sábado	16	Sábado	26	Domingo
7	Domingo	17	Domingo	27	Segunda-feira
8	Segunda-feira	18	Segunda-feira	28	Terça-feira
9	Terça-feira	19	Terça-feira	29	Quarta-feira
10	Quarta-feira	20	Quarta-feira	30	Quinta-feira
11	Quinta-feira				
12	Sexta-feira				
13	Sábado				
14	Domingo				
15	Segunda-feira				
16	Terça-feira				
17	Quarta-feira				
18	Quinta-feira				
19	Sexta-feira				
20	Sábado				

DEZEMBRO

1	Segunda-feira	11	Segunda-feira	21	Terça-feira
2	Terça-feira	12	Terça-feira	22	Quarta-feira
3	Quarta-feira	13	Quarta-feira	23	Quinta-feira
4	Quinta-feira	14	Quinta-feira	24	Sexta-feira
5	Sexta-feira	15	Sexta-feira	25	Sábado
6	Sábado	16	Sábado	26	Domingo
7	Domingo	17	Domingo	27	Segunda-feira
8	Segunda-feira	18	Segunda-feira	28	Terça-feira
9	Terça-feira	19	Terça-feira	29	Quarta-feira
10	Quarta-feira	20	Quarta-feira	30	Quinta-feira
11	Quinta-feira				
12	Sexta-feira				
13	Sábado				
14	Domingo				
15	Segunda-feira				
16	Terça-feira				
17	Quarta-feira				
18	Quinta-feira				
19	Sexta-feira				
20	Sábado				

CALENDÁRIO

ANO ESCOLAR DE 1919-1920

OUTUBRO

<p>1 Quarta feira. — <i>Abertura do ano escolar.</i></p> <p>2 Quinta feira.</p> <p>3 Sexta feira.</p> <p>4 Sabado.</p> <p>5 Domingo. — 9.^o <i>aniversário da proclamação da República portuguesa.</i></p> <p>6 Segunda feira.</p> <p>7 Terça feira.</p> <p>8 Quarta feira.</p> <p>9 Quinta feira.</p> <p>10 Sexta feira.</p>	<p>11 Sábado.</p> <p>12 Domingo.</p> <p>13 Segunda feira.</p> <p>14 Terça feira.</p> <p>15 Quarta feira. — <i>Abertura do ano lectivo e do semestre lectivo do inverno. Pertence a Lição inaugural à Faculdade de Medicina. (1)</i></p> <p>16 Quinta feira. — <i>Principiam os exercícos escolares.</i></p>	<p>17 Sexta feira.</p> <p>18 Sábado.</p> <p>19 Domingo.</p> <p>20 Segunda feira.</p> <p>21 Terça feira.</p> <p>22 Quarta feira.</p> <p>23 Quinta feira.</p> <p>24 Sexta feira.</p> <p>25 Sábado.</p> <p>26 Domingo.</p> <p>27 Segunda feira.</p> <p>28 Terça feira.</p> <p>29 Quarta feira.</p> <p>30 Quinta feira.</p> <p>31 Sexta feira.</p>
---	---	--

NOVEMBRO

<p>1 Sábado.</p> <p>2 Domingo.</p> <p>3 Segunda feira.</p> <p>4 Terça feira.</p> <p>5 Quarta feira.</p> <p>6 Quinta feira.</p> <p>7 Sexta feira.</p> <p>8 Sábado.</p> <p>9 Domingo.</p> <p>10 Segunda feira.</p>	<p>11 Terça feira.</p> <p>12 Quarta feira.</p> <p>13 Quinta feira.</p> <p>14 Sexta feira.</p> <p>15 Sábado.</p> <p>16 Domingo.</p> <p>17 Segunda feira.</p> <p>18 Terça feira.</p> <p>19 Quarta feira.</p> <p>20 Quinta feira.</p> <p>21 Sexta feira.</p>	<p>22 Sábado.</p> <p>23 Domingo.</p> <p>24 Segunda feira.</p> <p>25 Terça feira.</p> <p>26 Quarta feira.</p> <p>27 Quinta feira.</p> <p>28 Sexta feira.</p> <p>29 Sábado.</p> <p>30 Domingo.</p>
--	---	--

DEZEMBRO

<p>1 Segunda feira. — <i>Consagrado à autonomia da Pátria portuguesa. (2)</i></p>	<p>2 Terça feira.</p> <p>3 Quarta feira.</p> <p>4 Quinta feira.</p> <p>5 Sexta feira.</p> <p>6 Sábado.</p>	<p>7 Domingo.</p> <p>8 Segunda feira.</p> <p>9 Terça feira.</p> <p>10 Quarta feira.</p> <p>11 Quinta feira.</p>
---	--	---

(1) Foi adiada a solenidade para a data da visita, à Universidade de Coimbra, do Ex.^{mo} Presidente da República.

(2) Sessão solene, presidida pelo Ex.^{mo} Presidente da República.

12 Sexta feira.	21 Domingo.	26 Sexta feira.
13 Sábado.	22 Segunda feira.	27 Sábado.
14 Domingo.	23 Terça feira. — <i>Comêço das férias do Natal.</i>	28 Domingo.
15 Segunda feira.	24 Quarta feira.	29 Segunda feira.
16 Terça feira.	25 Quinta feira. — <i>Consagrado à família.</i>	30 Terça feira.
17 Quarta feira.		31 Quarta feira.
18 Quinta feira.		
19 Sexta feira.		
20 Sábado.		

JANEIRO

1 Quinta feira. — <i>Consagrado à fraternidade universal.</i>	9 Sexta feira.	22 Quinta feira.
2 Sexta feira.	10 Sábado.	23 Sexta feira.
3 Sabado.	11 Domingo.	24 Sábado.
4 Domingo.	12 Segunda feira.	25 Domingo.
5 Segunda feira.	13 Terça feira.	26 Segunda feira.
6 Terça feira. — <i>Termo das férias do Natal.</i>	14 Quarta feira.	27 Terça feira.
7 Quarta feira.	15 Quinta feira.	28 Quarta feira.
8 Quinta feira.	16 Sexta feira.	29 Quinta feira.
	17 Sábado.	30 Sexta feira.
	18 Domingo.	31 Sábado. — <i>Consagrado aos precursores e aos mártires da República.</i>
	19 Segunda feira.	
	20 Terça feira.	
	21 Quarta feira.	

FEVEREIRO

1 Domingo.	14 Sábado.	21 Sábado.
2 Segunda feira.	15 Domingo. — <i>Comêço das férias do Carnaval.</i>	22 Domingo.
3 Terça feira.	16 Segunda feira.	23 Segunda feira.
4 Quarta feira.	17 Terça feira.	24 Terça feira.
5 Quinta feira.	18 Quarta feira de Cinza. — <i>Termo das férias do Carnaval.</i>	25 Quarta feira.
6 Sexta feira.	19 Quinta feira.	26 Quinta feira.
7 Sábado.	20 Sexta feira.	27 Sexta feira.
8 Domingo.		28 Sábado. — <i>Encerramento do semestre lectivo de inverno.</i>
9 Segunda feira.		29 Domingo.
10 Terça feira.		
11 Quarta feira.		
12 Quinta feira.		
13 Sexta feira.		

MARÇO

1 Segunda feira.— <i>Abertura do semestre lectivo de verão.</i>	11 Quinta feira.	24 Quarta feira.
2 Terça feira.	12 Sexta feira.	25 Quinta feira.
3 Quarta feira.	13 Sábado.	26 Sexta feira.
4 Quinta feira.	14 Domingo.	27 Sábado.
5 Sexta feira.	15 Segunda feira.	28 Domingo de Ramos.— <i>Comêço das férias de Páscoa.</i>
6 Sábado.	16 Terça feira.	29 Segunda feira.
7 Domingo.	17 Quarta feira.	30 Terça feira.
8 Segunda feira.	18 Quinta feira.	31 Quarta feira.
9 Terça feira.	19 Sexta feira.	
10 Quarta feira.	20 Sábado.	
	21 Domingo.	
	22 Segunda feira.	
	23 Terça feira.	

ABRIL

1 Quinta feira.	11 Domingo.— <i>Termino das férias de Páscoa.</i>	20 Terça feira.
2 Sexta feira.	12 Segunda feira.	21 Quarta feira.
3 Sábado.	13 Terça feira.	22 Quinta feira.
4 Domingo de Páscoa.	14 Quarta feira.	23 Sexta feira.
5 Segunda feira.	15 Quinta feira.	24 Sábado.
6 Terça feira.	16 Sexta feira.	25 Domingo.
7 Quarta feira.	17 Sábado.	26 Segunda feira.
8 Quinta feira.	18 Domingo.	27 Terça feira.
9 Sexta feira.	19 Segunda feira.	28 Quarta feira.
10 Sábado.		29 Quinta feira.
		30 Sexta feira.

MAIO

1 Sábado.— <i>Feriado escolhido pela Municipalidade de Coimbra.</i>	4 Terça feira.	15 Sábado.
2 Domingo.	5 Quarta feira.	16 Domingo.
3 Segunda feira.— <i>Aniversário da descoberta do Brasil.</i>	6 Quinta feira.	17 Segunda feira.
	7 Sexta feira.	18 Terça feira.
	8 Sábado.	19 Quarta feira.
	9 Domingo.	20 Quinta feira.
	10 Segunda feira.	21 Sexta feira.
	11 Terça feira.	22 Sábado.
	12 Quarta feira.	
	13 Quinta feira.	
	14 Sexta feira.	23 Domingo.

24 Segunda feira.	27 Quinta feira.	30 Domingo.
25 Terça feira.	28 Sexta feira.	31 Segunda feira.
26 Quarta feira.	29 Sábado.	

JUNHO

1 Terça feira.	13 Domingo.	26 Sábado.
2 Quarta feira.	14 Segunda feira.	27 Domingo.
3 Quinta feira.	15 Terça feira.	28 Segunda feira.
4 Sexta feira.	16 Quarta feira.	29 Terça feira.
5 Sábado.	17 Quinta feira.	30 Quarta feira. —
6 Domingo.	18 Sexta feira.	<i>Encerramento</i>
7 Segunda feira.	19 Sábado.	<i>do ano lectivo</i>
8 Terça feira.	20 Domingo.	<i>e do semestre</i>
9 Quarta feira.	21 Segunda feira.	<i>lectivo de ve-</i>
10 Quinta feira.	22 Terça feira.	<i>rão. — Termi-</i>
11 Sexta feira.	23 Quarta feira.	<i>nam as aulas.</i>
12 Sábado.	24 Quinta feira.	
	25 Sexta feira.	

JULHO

1 Quinta feira.	12 Segunda feira.	24 Sábado.
2 Sexta feira.	13 Terça feira.	25 Domingo.
3 Sábado.	14 Quarta feira.	26 Segunda feira.
4 Domingo.	15 Quinta feira.	27 Terça feira.
5 Segunda feira.	16 Sexta feira.	28 Quarta feira.
6 Terça feira.	17 Sábado.	29 Quinta feira.
7 Quarta feira.	18 Domingo.	30 Sexta feira.
8 Quinta feira.	19 Segunda feira.	31 Sábado. — <i>Encer-</i>
9 Sexta feira.	20 Terça feira.	<i>ramento do</i>
10 Sábado.	21 Quarta feira.	<i>ano escolar.</i>
11 Domingo.	22 Quinta feira.	
	23 Sexta feira.	

AGOSTO

1 Domingo.	8 Domingo.	15 Domingo.
2 Segunda feira.	9 Segunda feira.	16 Segunda feira.
3 Terça feira.	10 Terça feira.	17 Terça feira.
4 Quarta feira.	11 Quarta feira.	18 Quarta feira.
5 Quinta feira.	12 Quinta feira.	19 Quinta feira.
6 Sexta feira.	13 Sexta feira.	20 Sexta feira.
7 Sábado.	14 Sábado.	21 Sábado.

22 Domingo.
23 Segunda feira.
24 Terça feira.
25 Quarta feira.

26 Quinta feira.
27 Sexta feira.
28 Sábado.

29 Domingo.
30 Segunda feira.
31 Terça feira.

SETEMBRO

1 Quarta feira.
2 Quinta feira.
3 Sexta feira.
4 Sábado.
5 Domingo.
6 Segunda feira.
7 Terça feira.
8 Quarta feira.
9 Quinta feira.
10 Sexta feira.

11 Sábado.
12 Domingo.
13 Segunda feira.
14 Terça feira.
15 Quarta feira.
16 Quinta feira.
17 Sexta feira.
18 Sábado.
19 Domingo.
20 Segunda feira.

21 Terça feira.
22 Quarta feira.
23 Quinta feira.
24 Sexta feira.
25 Sábado.
26 Domingo.
27 Segunda feira.
28 Terça feira.
29 Quarta feira.
30 Quinta feira.

CALENDÁRIO DO ANO ESCOLAR DE 1920-1921

OUTUBRO

1 Sexta feira. —
Abertura do ano escolar.
2 Sábado.
3 Domingo.
4 Segunda feira.
5 Terça feira. — 10.^o
aniversário da proclamação da República portuguesa.
6 Quarta feira.
7 Quinta feira.
8 Sexta feira.
9 Sábado.

10 Domingo.
11 Segunda feira.
12 Terça feira.
13 Quarta feira.
14 Quinta feira.
15 Sexta feira. —
Abertura solene do ano lectivo e do semestre lectivo do inverno. Pertence a Lição inaugural à Faculdade de Ciências.
16 Sábado. — *Principiam os exercícios escolares.*

17 Domingo.
18 Segunda feira.
19 Terça feira.
20 Quarta feira.
21 Quinta feira.
22 Sexta feira.
23 Sábado.
24 Domingo.
25 Segunda feira.
26 Terça feira.
27 Quarta feira.
28 Quinta feira.
29 Sexta feira.
30 Sábado.
31 Domingo.

NOVEMBRO

1 Segunda feira.	11 Quinta feira.	21 Domingo.
2 Terça feira.	12 Sexta feira.	22 Segunda feira.
3 Quarta feira.	13 Sábado.	23 Terça feira.
4 Quinta feira.		24 Quarta feira.
5 Sexta feira.	14 Domingo.	25 Quinta feira.
6 Sábado.	15 Segunda feira.	26 Sexta feira.
	16 Terça feira.	27 Sábado.
7 Domingo.	17 Quarta feira.	
8 Segunda feira.	18 Quinta feira.	28 Domingo.
9 Terça feira.	19 Sexta feira.	29 Segunda feira.
10 Quarta feira.	20 Sábado.	30 Terça feira.

DEZEMBRO

1 Quarta feira. — <i>Consagrado à autonomia da Pátria portu- guêsa.</i>	11 Sábado.	<i>rias do Na- tal.</i>
2 Quinta feira.	12 Domingo.	
3 Sexta feira.	13 Segunda feira.	24 Sexta feira.
4 Sábado.	14 Terça feira.	25 Sábado. — <i>Consa- grado à fami- lia.</i>
	15 Quarta feira.	
5 Domingo.	16 Quinta feira.	26 Domingo.
6 Segunda feira.	17 Sexta feira.	27 Segunda feira.
7 Terça feira.	18 Sábado.	28 Terça feira.
8 Quarta feira.		29 Quarta feira.
9 Quinta feira.	19 Domingo.	30 Quinta feira.
10 Sexta feira.	20 Segunda feira.	31 Sexta feira.
	21 Terça feira.	
	22 Quarta feira.	
	23 Quinta feira. — <i>Comêço das fê-</i>	1 <i>Sabado</i>
		2 <i>Domingo</i>



21 JUN 21

ALOCUÇÕES

CONTENTS

Table with 3 columns listing page numbers and titles for the first section of the document.

CONTENTS

Table with 3 columns listing page numbers and titles for the second section of the document.

ALCOUQUES

Table with 3 columns listing page numbers and titles for the third section of the document.

**ALOCUÇÃO DO PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUÊSA
DR. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA NA SALA DOS CAPELOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA EM 4 DE DEZEMBRO DE 1919.**

Certos incidentes da minha vida de estudante levaram muita gente a concluir que eu era adversário da Universidade de Coimbra. Nunca o fui, e mais de uma vez se me tem proporcionado o ensejo de solenemente afirmar que tenho sempre sido amigo dela, mesmo quando mais podia ter dado a impressão de não o ser.

Quando a Revolução de 1910 me elevou ao Poder, onde tive a honra de ser Ministro do Interior do Governo Provisório, reformei largamente a instrução pública e, na seqüência da minha orientação reformadora, várias vezes, e por diversos títulos, manifestei a minha predilecção pela Universidade de Coimbra.

De facto, ouvindo para a realização da minha obra muitos dos mais sábios professores do país, foi sobretudo os de Coimbra que eu consultei e não me esqueceram os estudantes daqui, cuja opinião tive muito prazer em recolher.

Ao corpo docente desta Universidade vim buscar o meu ilustre e talentoso colaborador que ocupou o elevado cargo de director geral da instrução superior e secundária, e, se a parte da reforma dos altos estudos portuguezes, que mais desvelos me mereceu, foi a constituição universitária, devo confessar que, concedendo às Universidades Portuguezas a autonomia e a independência, foi sobretudo a Universidade de Coimbra que eu tive em atenção. Assim a emancipei do Poder Central, despedaçando o invólucro napoleónico que a constrangia e sufocava. A monarquia tinha-a tiranizado, espartilhando-a nas fórmulas duma centralização opressiva, e, se o marasmo no seu ensino não foi completo, estagnando os estudos num verbalismo formalista, fóra de toda a investigação científica, é porque o espirito resistente e ousado de muitos professores se revoltou contra a prepotência, lutando pela liberdade pedagógica. Era com este espirito de resistência e audácia, conjugado com o prestígio tradicional duma longa história, que eu contava para, na Universidade de Coimbra, fazer desentranhar em resultados fecundos a autonomia tam espontâneamente decretada.

Não me enganei, porque os progressos científicos de 1911 até hoje são formidáveis. E, agora, dando um balanço patriótico às relações do Estado com a Universidade de Coimbra, vê-se que ambas as partes devem estar satisfeitas. A República prestou à Universidade todas as homenagens, dando-lhe autonomia e liberdade, e prestou-lhas pela mão dum homem que não podia ser suspeito de parcialismo que uma forçada gratidão determinasse, mas por intermédio dum antigo rebelde, possuidor dum coração livre, que lialmente reconhecia que a velha Universidade tinha dentro de si, vivo, pujante e prometedor, o germe de todos os progressos pedagógicos.

Por seu turno a Universidade correspondeu com firmeza e esplendor ao gesto das Instituições, fazendo desabrochar numa floração opulenta toda a seiva que até aí se amesquinhava nos dessoramentos que são atributo costumado dos regimes de tirania.

Por isso eu, vindo aqui, sinto-me, como Chefe de Estado republicano, orgulhoso e satisfeito, e tenho a certeza de que são sinceras as alegrias festivas com que me recebem, e que eu infinitamente agradeço, pois os que as exteriorizam vêm em mim, além do Chefe da Nação, o colaborador dos primeiros tempos da República, que ajudou, como pôde, a veneranda Universidade a realizar uma obra que dá resplendor à Ciência e prestígio à Nacionalidade.

Sinto-me comovido e, pelas pancadas enternecidas do meu coração, reconheço, neste momento, como em nenhum outro, que é bem filial o meu amor pela grande Escola em que fui educado, e, na qual, até por entre as minhas lutas e desaguizados, colhi ensinamento e lição que enrijaram e deram confiança ao meu carácter de lutador.

Deslumbra-me o scenário grandioso que tenho diante dos meus olhos, e em que me parece ver boiar, como partículas de reminiscências divinas, a recordação dos primeiros tempos de vida, em que se é sempre feliz; invade-me o respeito grave e profundo pela grandeza do apostolado que se professa nesta casa e que derramou sobre a cabeça dos mais ilustres homens de Portugal o vaso da Ciência, que encerra o fermento de todas as virtudes conscientes; atribula-me a saúdade de tantos que, já mortos, foram, lentes ou estudantes, os soldados da Idea e cujos espectros parecem pairar, com a tranqüilidade das sombras tumulares, por cima das vetustas cátedras, que o tempo cobriu de autoridade e prestígio.

Mas eu não vim aqui, Srs. Lentes e Srs. Estudantes, sómente para receber e retribuir cumprimentos, ou, para recolhendo-me no seio de mim próprio, pedir um pouco de agasalho aos lares universitários.

Um outro fim cá me trouxe: — Fazer a propaganda daquilo a que poderei chamar o meu programa de Presidente, que visa todo, inteiro, a estabelecer a harmonia na Sociedade Portuguesa, para que possâmos vencer as dificuldades da hora presente.

A grande guerra foi o cataclismo que se sabe e dominou-nos a impressão de que caminhamos por entre escombros, sendo tamanha a incerteza que até mesmo o que está de pé, e mais firme parecia, oscila e range, ameaçando derruir também. O mundo velho não desabou de todo, apenas porque as cousas morais como as físicas não acabam completamente. Mas a sua transformação já feita é enorme, e a que se anuncia é maior ainda e assustadora.

¿O que compete a uma sociedade bem organizada? Rasgar amplamente horizontes novos às legítimas aspirações da Humanidade, mas pondo, ao mesmo tempo, os entraves possíveis à marcha da desordem, que, do alto do seu delírio, tudo fulmina, tudo destrói, tudo perverte — tudo o que é estrutural na civilização de tantos séculos. êsse património sagrado de todos nós, que o sangue e as lágrimas de gerações sem conta dolorosamente criaram. Se não nos prevenirmos, seremos subvertidos, e, sôbre a desgraça de vermos morrer a nossa civilização, incorreremos na desonra de, pela inércia, sermos cúmplices do abominável facto.

Mas, para isso, é preciso organizar a defesa duma maneira tenaz, consistente e metódica, e tendo sempre em vista a força moral dos acontecimentos, porque de pouco ou nada valem as armas, por melhor que seja a sua têmpera, quando os espiritos se dissolvem na indiferença ou se perdem no desvairo.

Já Napoleão o que mais admirava no mundo era a impotência da força militar, certo de que, pelo andar do tempo, «a idea suplantaria o sabre». Pois chegou definitivamente essa época, e a Universidade de Coimbra por le e deve ser, na sociedade portuguesa, ao mesmo tempo, gerador e irradiador da força moral, que dê à Patria a unidade de que ela carece, para realizar os seus elevados destinos. A Ciência é o grande lastro que equilibra, na sua viagem atormentada para a perfeição, o casco movediço das nações.

Que o diga a história de tantas Universidades, que foram erigidas, umas por países vencedores em países vencidos, com o fim de os dominar, e outras, dentro das próprias pátrias, para as defenderem, ou como elementos de emulação entre as facções e os partidos. E nem podia deixar de ser assim, porque, de harmonia com o conceito de Napoleão, a espada só vence onde a Idea triunfa, e as nações só se tornam fortes pelos seus exércitos de soldados quando, préviamente, o são pela milícia dos seus sábios.

Sem desdouro para as outras duas Universidades, aliás também superiormente representadas por um professorado de *élite* e por uma mocidade prometedora, a Universidade de Coimbra, pelas tradições gloriosas que lhe vêm dum longo passado, cheio de unidade e seqüência e que envolve professores e alunos, pela fôrça impetuosa da sua seiva actual, pelo seu valimento, pela sua reputação e até pela lenda que a cerca, está destinada, pelas determinações históricas da Raça, a marcar as balizas do nosso progresso mental, respeitando, equilibradamente, do passado tudo o que o merecer, e aceitando, ponderadamente, do futuro tudo o que fôr acessível à consciência dos homens cultos.

Que a Universidade de Coimbra se resolva, em definitivo, a tomar para si essa nobre missão. Que ela caminhe para nós sem reservas, confiadamente.

As instituições republicanas que são, em Portugal, as melhores, pela razão mais forte de que o Povo as quere e as ama, aceitam a colaboração de todos os corações verdadeiros, que queiram sinceramente ajudá-las.

A larga tolerância de que ellas estão dando prova permite que toda a gente tome lugar à sua sombra sem aviltamentos que desonrem, antes com brio que dignifique; e eu, empenhado na minha missão fraterna, daqui, deste lugar, fazendo-me ouvir pelos ecôs augustos que a Sciência tantas vezes tem acordado, lanço à Patria um pregão de Paz. Unamo-nos! Esta festa da Sciência realizada no dia de hoje, que lembra uma data sagrada em que a nossa terra, nosso berço e nosso túmulo! tornou a ser independente e livre, tornou a ser a nossa terra! é ja um prenúncio eloqüente de que a majestade do patriotismo vai, com uma fôrça nova, avassalar todos os corações. Unamo-nos! Unamo-nos! e purifiquemos nas chamas da nossa alma o culto eterno da Raça imperecível e da Pátria imortal.

**ALOCUÇÃO DO PROF. DR. FILOMENO DA CAMARA
MELO CABRAL, REITOR DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA,
EM 1 DE DEZEMBRO DE 1919, NA ABERTURA SOLENE DOS
TRABALHOS ESCOLARES**

Senhor Presidente:

Concorrem na pessoa de V. Ex.^a o prestigioso Chefe de Estado, o eminente autor da reforma de 1911, o laureado aluno desta Universidade. Como reitor da Universidade de Coimbra é para mim o mais grato dos deveres render as devidas homenagens às altas qualidades e virtudes cívicas de V. Ex.^a. Sinto-me feliz ao fazê-lo. Esta honra foi uma das razões por que aceitei o espinhoso cargo de Reitor em que me vejo investido, num momento difficilimo da vida universitaria. Estou velho, doente alquebrado de fôrças; mas actuou ainda no meu espirito, para tomar sobre os ombros esta pesada carga, o convencimento de que o sacrificio pessoal, que este acto representa, poderá porventura ser útil à familia académica a que pertenco.

Estava, há cinco menses, sem chefe a Universidade, depois de ter atravessado uma quadra calamitosa e ameaçava prolongar-se indefinidamente esta situação, quando há poucos dias, inesperadamente, apareci nomeado Reitor. Pensei em escusar-me; mas lembrei-me da situação irregular da Universidade, de que a minha escusa poderia levantar difficuldades neste momento, e seria até certo ponto desprimorosa para com V. Ex.^a e o Sr. Ministro da Instrução, de que poderia contar com o apoio dos colegas, apesar de não ser eleito por eles; e resolvi-me assim a calcar convicções, fundamente arreigadas no meu espirito, a sufocar legítimos assomos de amor próprio, a apagar, emfim, de todo a minha personalidade diante do que se me afigurou ser o interêsse colectivo. E, ao praticar este acto, imposto por circumstâncias excepcionais, nem um só instante deixei de acompanhar as Universidades nas suas justas reivindicações.

Definida a minha situação nos termos que julguei indispensáveis para aclará-la, eu tenho a insigne honra, Senhor Presidente da República, de saudar V. Ex.^a em nome de

todo o corpo docente desta Universidade, que agradece comigo a visita que V. Ex.^a se dignou fazer-nos, para abri-lhantar com a sua presença a solene abertura dos trabalhos escolares no novo ano lectivo.

E' com verdadeira emoção, Senhor Presidente, que eu dou as boas vindas a V. Ex.^a, nesta Sala onde a Universidade celebra os actos mais solenes da sua vida, nunca esquecendo que devemos a V.^a Ex.^a a autonomia que nos foi concedida em 1911, sendo V. Ex.^a Ministro do Interior, no Governo Provisório da República. A reforma que então se operou no ensino superior deixou no olvido a de 1907, e foi tão bem orientada que oito anos de experiência poucas modificações lhe introduziram nas suas disposições fundamentais, como facilmente se pode verificar comparando o Estatuto Universitário de 1918, (Decreto n.º 4554 de 6 de Julho) com a constituição Universitária de 19 de Abril de 1911.

Acontece, porém, Senhor Presidente, que esta bela obra de progresso e aperfeiçoamento foi gravemente lesada com os acontecimentos ocorridos no último ano lectivo, e que as suas feridas só parcialmente foram sanadas pela lei n.º 861, de 27 de Agosto, que abriu outras não menos graves. A reconstituição completa da autonomia universitária é o empenho indeclinável desta Universidade, que muito confia para êste resultado na poderosa influência de V. Ex.^a. V. Ex.^a pode confiar no patriotismo e competência dos seus professores que, todos, velhos e novos, com excepção de quem pronuncia estas palavras, realizam um ensino moderno e elevado. E' esta a afirmação que resulta evidente da defesa apresentada por quatro dessa pleiade brilhante de professores novos que honram a Universidade, acusados de fazerem nas aulas politica anti-republicana; é o que afirma um grupo de alunos distintos de direito, em manifesto dirigido ao país, no qual dizem: « Nas aulas de Direito Politico e Administrativo o que temos ouvido bastas vezes é a exposição criteriosa de tudo o que há de mais avançado e recente nesses ramos de sciência jurídica ». O venerando juiz da Relação Dr. António Maria Vieira Lisboa conclue no seu relatório de sindicância que não resulta do processo prova jurídica de que algum dos professores tenha praticado actos que, perante a lei, possam considerar-se de hostilidade à República. Ficaram assim aniquiladas acusações injustificáveis.

Tendo-se V. Ex.^a dignado visitar agora os estabelecimentos e laboratórios desta Universidade, mais uma vez reconheceu de certo os beneficios resultantes da sua reforma. O ensino é essencialmente realista, pelo desenvolvimento das salas de estudo, hospitais, gabinetes e laboratórios, cujo material tem sido adquirido com as receitas da autonomia. Há nesta Universidade, como de resto em todas as da Europa, poucas escolas profissionais; possuímos apenas as Faculdades

de Direito e Medicina, a Escola de Farmácia e a Escola Normal Superior, de que são subsidiárias as Faculdades de Ciências e Letras; mas a habilitação profissional, bem como a cultura geral, é na actualidade muito mais completa do que era em épocas anteriores à reforma universitária. Outro grande resultado da reforma decretada por V. Ex.^a é a harmonia estabelecida entre alunos e professores.

Desde 1860 até 1911 repetiram-se com frequência conflitos graves; desde esta última época esboçaram-se apenas alguns movimentos, que logo se desvaneceram, à nascença, por falta de base.

Eu deixo aqui formulada a esperança de que ainda se dará entre nós o que é frequente na América: os diplomados, os antigos alunos terão pelos institutos que foram a *alma mater* do seu espirito o carinho que merece uma mãe extremosa. Daí a protecção que lhes poderão dispensar os bafejados da fortuna.

Três condições me parecem, porém, de importancia capital em Coimbra para a efectividade dêste *desideratum*. A primeira é a construção de um grande edificio que seja a sede da Associação Académica. É aí que os académicos, vivendo em comum, desenvolvem o espirito de solidariedade e se preparam para a vida social, longe das casas de tavolagem e outras igualmente perigosas.

Neste momento posso dar a todos a agradável noticia de que a escritura de empréstimo da quantia de cem contos, para a realização desta aspiração, foi já assinada entre o Governo e a Caixa Geral de Depósitos, tendo o Senhor Presidente da República empenhado nisso os seus maiores esforços.

A segunda é o campo de jogos e o ginásio, que tanto poderão concorrer para a regeneração física do estudante português.

A terceira é a remodelação das casas de Coimbra, onde reside o estudante, destituídas pela maior parte de todo o conforto e comodidade. O diplomado não poderá considerar como a melhor parte da sua vida o tempo de estudante, se não tiver tido, com outras, as três vantagens que acabo de apresentar, porque o seu affecto ao Instituto que o educou dependerá das recordações que lhe andarem ligadas.

Termino para dar o lugar a quem desempenha um papel primacial nesta solenidade — o professor encarregado de recitar a oração de sapiência. Disse.

ORAÇÃO DE SAPIÊNCIA

A filosofia de Aristóteles era a única e verdadeira filosofia que se podia ensinar e aprender. A Teologia era a mãe e a rainha; as outras ciências, suas filhas e suas subditas. A mãe imperava e imprimia a direcção; as filhas trabalhavam, cada qual dentro da sua esfera, para o bem comum.

A nossa Universidade no ambiente intelectual da Idade Média.

A Universidade pombalina e a acção tutelar do Estado.

A verdadeira missão científica das Universidades e a autonomia

Universitária.

O apagado relêvo da nossa Universidade no incremento da Ciência

positiva que tanto fez prosperar a Civilização moderna, não

justifica afirmações deprimentes do valor intelectual da nossa

raça.

Estes traços singelos, colhidos num quadro brilhante que,

sobre a Idade Média, nos pinta um sábio escritor católico,

definem o terreno onde começaram a germinar os primeiros

embriões universitários.

As instituições intelectuais nascentes tinham de vir

adaptadas áquele ambiente, respirar aquella atmosfera e viver

naquela luz.

A organização do ensino na Universidade portuguesa

foi, como nos Estudos de Palencia, Salamanca, Sevilha,

Valadolid e nas outras Universidades europeas, constituída

pelas Faculdades Maiores de Leis e Medicina, e a Faculdade

Menor das Artes, onde se estudava Gramatica, Lógica e Filo-

sophia, pelas Sumulas aristotélicas de Pedro Hispano, eminente

escolástico português, e depois Papa João XXII.

EX.^{mo} PRESIDENTE DA REPÚBLICA PORTUGUESA
 EX.^{mas} SENHORAS
 MEUS SENHORES

Nos últimos seculos da Idade Média, a idade de ouro da fé religiosa, a cultura intelectual achava-se totalmente monopolizada pela Igreja.

A razão, serva docil da fé, mantinha estreitamente unidas as sciências que formavam uma familia perfeitamente subordinada « A Teologia era a mãe e a rainha; as outras sciências, suas filhas e suas subditas. A mãe imperava e imprimia a direcção; as filhas trabalhavam, cada qual dentro da sua esfera, para o bem comum ».

Estes traços singelos, colhidos num quadro brilhante que, sobre a Idade Média, nos pinta um sábio escritor católico, definem o terreno onde começaram a germinar os primeiros embriões universitários.

As instituições intellectuais nascentes tinham de vir adaptadas áquele ambiente, respirar aquella atmosfera e viver naquela luz.

A organização do ensino na Universidade portuguesa foi, como nos Estudos de Palencia, Salamanca, Sevilha, Valadolid e nas outras Universidades europeas, constituída pelas Faculdades Maiores de Leis e Medicina, e a Faculdade Menor das Artes, onde se estudava Gramatica, Lógica e Filosofia, pelas Sumulas aristotélicas de Pedro Hispano, eminente escolástico português, e depois Papa João XXII.

A filosofia de Aristóteles era a que se compadecia melhor com uma fiel subordinação à Teologia; com a condição, porém, de que não fôsem os espíritos auri-la genuina e pura como em seus originais se continha. A filosofia aristotélica, afeiçoada ao critério teológico, era o que na verdade se permitia.

Gregório IX suspendêra os livros de Física, enquanto não fôsem purgados de todos os erros suspeitos, e, apesar de todas as mutilações já sofridas, ainda Urbano IV ordena a S. Tomás d'Aquino que os reveja e purgue, mais uma vez, comentando-os.

Foi assim, depois de mutilado, purgado e desfigurado, o pensamento do grande filósofo stagirita, que as doutrinas aristotélicas puderam ser consentidas no ensino.

Neste ambiente intelectual, em que as Universidades surgiram, vê-se bem qual era o pão de espírito com que, nelas, o pensamento e a razão se alimentavam.

Entretanto, do ceu brumoso da Inglaterra, um clarão difuso, como pronúncio dum esplendor de aurora, descia para o continente europeu.

O franciscano Rogério Bacon, incarnação medieval do espírito positivo moderno, proclamava a ciência experimental como mestra das sciências especulativas, assinando-lhe três grandes prerogativas sôbre as outras províncias do saber.

O seu 3.º privilégio consistia em perscrutar, pelas suas forças, sem carecer do auxílio das outras Sciências, os segredos da Natureza.

Em breve, porém, o Geral da ordem de S. Francisco reúne as autoridades da mesma, em Paris, para condenar as doutrinas de Bacon; e, como era monge e frade, para melhor garantir a Comunidade do contágio daquela virulência intelectual, pôz Bacon sob custódia, durante 14 anos.

Após o meado do século xv, a Grécia filosófica literária e artística, surgiu na Itália e alastrou de Florença por toda a Europa, exercendo no meio intelectual uma espécie de encanto e fascinação.

A Grécia, diz Cousin, não inspirou sómente a Europa, embriagou-a.

Sugestionou Roma, empolga a Igreja, na pessoa de seus mais altos representantes: os papas Júlio II e Leão X — que, na desvelada protecção e entusiasmo com que a receberam, lhe garantiram o desabrochar das ricas florações intellectuais em que a Renascença se expandiu.

As Universidades, na moega esteril da escolástica, dessoradas e amortecidas, galvanisam-se duma nova, vivificante luz — como se aos espíritos cansados de uma longa reclusão de seculos, abrissem as portas do carcere para virem espanejar-se ao sol.

Formou-se um ambiente novo á intellectualidade europêa. E, entre as constelações luminosas que esplendem nos

ambitos da História abrilhantando a via lactea da Civilização, Portugal conta, de seu, alguns astros de primeira grandesa.

Foi, porém, um momento de esplendor fugaz como relampago. A escuridão avisinhava-se num futuro próximo;

O humanismo, difundindo o conhecimento das línguas clássicas, estimulára a curiosidade e o gosto pela leitura das obras antigas em seus próprios originaes. — Devora-se, sem distiação, escreve d'Alembert, tudo quanto os antigos nos deixaram em todos os géneros. Traduzem-se, comentam-se, imitam-se e, por uma espécie de reconhecimento, põem-se a adoral-os.

Florescia a sedução do paganismo; ofuscava-se o idealismo cristão.

O misticismo sensualista da Renascença subvertia o misticismo idealista da fé. O mundo religioso convulsionava-se.

O Cardeal Palavicini não se arreceia de dirigir ao próprio Papa Leão X palavras de reprimenda terriveis.

Era o monstro da Reforma que saia do bojo da Renascença —

Menos alarmado com o successo, o celebre Erasmo, patriarca do Humanismo, exprimia o facto numa forma mais graciosa e melhor adequada « A Renascença fôra o ovo e a Reforma a ave que dêle saiu ».

E no domínio da filosofia? Assim como Lutero levára os cristãos a fazerem-se protestantes em religião, no seculo xvii, Descartes, espirito independente, inovador ousado, dando por única autoridade á filosofia, a da razão individual com direito de examinar e julgar toda a espécie de doutrina, convidaria, por sua vez, os filosofos a fazerem-se protestantes em filosofia.

E na esfera da Sciência propriamente dita? Por uma coincidencia singular encontramos, no seculo xvi, um novo Bacon, agora Francisco e não Rogerio, — como se fosse a incarnação vingadora do monge franciscano, na pessoa categorisada dum chanceler de Inglaterra, a implantar, de maneira definitiva, o fecundo metodo experimental, três seculos antes, pelo primeiro, preconisado.

Em resumo — Subversão do dogmatismo teologico, pela doutrina do livre exame; ruina da autoridade filosofica pela independencia da razão individual; predomínio crescente do metodo experimental sôbre todas as locubrações expêculativas do humanismo e da escolastica, tais são as dominantes características do movimento intellectual, a frutificar nas obras imortais duma pleiade de sábios e investigadores, que torçam os arcanos da natureza a revelar ao pensamento os seus misterios.

Era revolucionar o mundo, desde os alicerces, em que assentava a ossatura orgânica da Igreja e dos estados, até aos fundamentos da ideia, sobre que se equilibravam as fantasmagorias lógicas do pensamento — Não era revolução para um século, era movimento para encher um milenário da História.

O ideal da Sciência emancipada do preconceito não tinha a força das raízes seculares com que se aprofundava no espírito simplista dos povos, o ideal tradicional da sua fé.

Esta, apesar de todo o formalismo externo pouco consistente, vivia da forte seiva interior, na longa tradição dos séculos elaborada, em uma amálgama de todos os sentimentos caldeados na forja do coração humano — órgão precoce — e na sua íntima constituição estruturados, muito antes de o cérebro, — diferenciação tardia, — se arrogar o senso crítico para esboçar a feição intelectual científica que, naquele tempo, ainda era dom de poucos, e bem funesto, por seu mal.

O espírito religioso, a Igreja, ao defrontar-se com aquele movimento de intelectualidade livre, na efervescença germinadora das sciências positivas, achava-se senhora e dominadora do depósito das forças afectivas, que convergem na crença como síntese do largo património hereditário que gerações de muitos séculos lhe tinham acumulado na tradição.

E, senhora da força, usava dela. A Igreja, reagiu e defendeu-se.

Nos excessos da Contra-reforma, não se recua ante a monstruosidade de perseguir Kepler ou de condenar Galileu —

A intolerância desenfreada nos dois campos, tanto católico como protestante, fazia que o dogmatismo filosófico-religioso transmudasse a arena fria e serena das lutas incruentas do pensamento, em bachanal de guerras sangüinárias, numa orgia de fúrias, disputando o chuço e a lança, a ferro e a fogo, a força e o direito de purificar cada qual as suas doutrinas, imolando no brasido das fogueiras os contraditores do seu Credo —

O movimento intelectual retrae-se: ou melhor, esterelisa-se; porque a Companhia de Jesus, tomando-lhe o passo, para reprimir as suas tendências inovadoras, empolga o ensino em todas as escolas, para o difundir sob uma forma abastarda e retrógada.

Os Jesuitas trabalhavam, sobretudo, como soldados do fisco intelectual, colocados pelas hostes teológicas nos postos de vigia da instrução, a farejar o contrabando da ideia nas fronteiras do pensamento.

E tal força desenvolveram na missão, que chegaram a possuir, de conta própria, 25 Universidades e 150 Estudos Gerais.

As escolas, portanto, não se fechavam. Mas, a dentro delas quem trabalhava? Um ou outro, raro espírito livre mas receioso das iras da intolerância, e uma maioria, não

raro totalidade, de espíritos enfeudados no velho castelo senhorial das ideias religiosas e metafísicas. Todos êsses professores, convictos de que a investigação científica não podia nem enriquecer nem defraudar o património do saber — consideravam a sciência, para a estimar, no ponto de vista dalguma contribuição que pudesse fornecer à ilustração de seus raciocínios especulativos; mas em expectativa armada sempre para a atacar rudemente, quando nela suspeitassem veleidades de erguer os olhos, da terra à terra experimental, para a altura dos reductos filosóficos, onde as águias teológicas pontificavam.

Em rigorosa análise, o verdadeiro espírito científico asfixiava.

Tremendo de fraquês e de mêdo, caía por terra, ou arrastava-se de joelhos sob a tutela, deprimido, improficuo, decadente e esteril. A Universidade de Coimbra resentia-se profundamente dêsse ambiente esterilizador, que uma feroz dictadura filosófico-religiosa criara em todos os centros de cultura europêa.

Entretanto, e a despeito de tudo, a fôrça incoercível duma audaz aspiração científica ia saltando por cima de todos os entraves dogmáticos, torturantes, na proliferação duma fecundidade irreprimível.

Galileu demonstra o movimento da terra:

Kepler fixa ao sol o seu logar; à Terra e aos outros planetas o seu papel no Universo:

Newton estabelece as principais leis da óptica e da gravitação universal:

Leibnitz cria, com Newton, o calculo differencial; e Pascal o calculo das probabilidades:

Papin descobre a grande potência, como fôrça motris, do vapor de água sob pressão:

Roemer observa a velocidade da luz:

Harvery, a circulação do sangue; e

Vesálio, de Bruxelas grande médico do rei de Hespanha, e o maior anatómico do século XVI, compõe a obra monumental « *De humana corporis fabrica* », que lhe valeu da inquisição uma condenação à morte, muito a custo comutada em uma peregrinação ao Santo Sepulcro.

Mas, além de tudo isto, ainda, a descoberta dos instrumentos ópticos e o édito de Nantes.

O telescópio e o microscópio, os dois mais poderosos instrumentos de observação e analyse, que, no dizer de Michelet, criaram à humanidade um sexto sentido, davam ao objecto da Sciência a amplitude máxima de toda a imensurável distância que se alarga entre os dois infinitos, o infinito da grandeza e o infinito da pequenez. Essa vastidão imensa e profunda exercia sobre os espíritos uma como atracção do abismo; o pensamento tomava-se de vertigem e, irresistivelmente, atirava-se abaixo dos altos pin-

caros da Metafísica para o baixo fundo da positividade científica.

Do Edito de Nantes (1598) resultava diminuída a extensão da tutela religiosa; e o espírito científico conquistara um lugar no mundo, onde se abrigasse da perseguição.

Das lutas religiosas da Reforma a Igreja não saiu completamente vitoriosa.

O bloco integral da fé cristã desagregava-se, como se dum centro solar a força centrífuga destacasse algumas massas de planetas a girar por órbitas independentes.

A atracção dessa fé colectiva não pôde vencer a força desagregadora da fé individual, que, a esse tempo, se impunha na religião com Lutero, mais tarde na filosofia com Descartes e, no campo da ciência, com Bacon, Galileu, etc.

Estas três correntes associam-se convergentes, acabando por criar um ideal novo — a emancipação do espírito — e gerando um misticismo novo com o culto da razão.

O espírito filosófico, o próspero incremento científico da época, não penetrava facilmente os humbrais cerrados das obsoletas instituições oficiais; mas difundia-se, apesar disso, por um número cada vez maior de espíritos de *elite*, que se arrojavam à crítica severa e demolidora dos arcaicos moldes do nosso ensino.

Jacob de Castro Sarmiento e Luís Verney, sábios eminentes, impregnados de espírito moderno, pelo estudo e boa conveniência com os principais centros de cultura europeia, desencadearam a revolução no ambiente de marasmo e inércia que envolvia a Universidade.

Os jesuítas reagiram; — mas, em vão os comentários de Aristóteles desfechavam contra a armadura filosófica da ciência, já abroquelada com Bacon, Descartes, Galileu, Newton e tantos outros.

A derrota era inevitável; e a vitória do espírito moderno punha o ambiente intelectual favorável a uma transformação progressiva — que ia ter em Pombal o seu executor.

Pombal não era positivamente um sábio, um investigador ou filósofo, a quem as exigências intelectuais, incarnadas num homem de acção, houvessem de inspirar, por si só, a reforma que se propôs. Mas era homem de espírito forte; braço despótico de ministro absorvendo o absolutismo dum rei.

De par com o progresso da filosofia e da ciência, num anseio de libertação, caminhava a política dos reis na ascensão megalomana para um absolutismo sem limites.

Bonifácio VIII, na Epístola *Unam Sanctam* no começo do século XIV, definira a doutrina das duas espadas. A espada espiritual para ser manejada pela Igreja na mão do

Papa; e a espada temporal para ser manejada pela Igreja na mão dos reis à ordem do Papa. Ora, Pombal, como já o tentara fazer em França, Luiz XIV, queria as duas espadas na mão do rei, para poder êle maneja-las ambas.

Por isso, a expulsão dos jesuitas foi um golpe de morte no clero, antes de ser um alento para a instrução.

E, assim, a Reforma pombalina, só 13 anos depois realizada, não nos aparece como a expressão vital dum povo que encontra na capacidade intrinseca das suas aspirações intellectuais a fôrça precisa para resurgir e prosperar; mas antes, a vemos como um fenómeno exogénico que, trazendo, embora, alterações notaveis à contestura formal do ensino, todavia, não operou a reacção estrutural, profunda, de que tanto se carecia.

Trouxe-nos o alívio de quem se vê livre duma opressão; mas não teve aquêle fremito vivo das fortes impulsões que arrebatam os homens e os povos às fecundas empresas de resurgimento.

Produto híbrido da intenção liberal de alguns espiritos, como Ribeiro Sanches, que inspiraram a reforma, e do espirito despótico do Marquez, que a executou, a Universidade não era muito fácil que ficasse organicamente adaptada a uma evolução segura e desafogada.

Não chegando a emancipar-se, em nada, da tutela filosofico-religiosa que lhe dominava os fundamentos, ficou ainda subjugada, numa inteira subserviência, á tutela do Estado, a qual, se agora se efectivava em sentido progressivo, logo se mudaria em impulsão retrógrada.

No ambiente intellectual e moral, ao tempo da Reforma Pombalina, preponderava a dominante jesuítica, com o espirito filosofo de Aristoteles abastardado em esterilidade — com o espirito teologico da Contra Reforma imperioso e intolerante.

Eramos metafisicos escolasticos, ainda no seculo XVIII: jurando com igual ardor pelas letras dos Evangelhos como pelos comentários de Aristoteles.

A escolástica fora sempre a bem amada do jesuitismo e da Inquisição. — Aristoteles dizia na sua politica, livro 1.º, que a natureza creou certos seres para governar e outros para obedecer; e que o ser capaz, por suas faculdades corporais, de executar ordens, obedeça como escravo! Que importava, pois, que aos jesuitas, Pombal os fizesse sair, se o espirito e o metodo cá os deixava, e não fez proposito de os substituir?

Vendo a obra do Compêndio Histórico, reconhece-se que foi ampla e profunda a intensão reformadora — Mas, comparando a traça com a execução da obra, resulta-nos o conceito deprimido.

Não só várias disposições do Estatuto mas, principal-

mente, a execução subsequente, nada favoreceram antes contrariaram as largas intenções do Compêndio.

Pelo que respeita, especialmente às Faculdades de Medicina e de Filosofia, em contraste com o aparato ostentoso dalgumas instalações, a vida delas ficou a decorrer aflitiva, entre lances de miséria e penúria que, tanto degradam a influência tutelar do Estado como glorificam os esforços pertinazes do seu professorado por manter, a despeito de tudo, o nível do ensino á altura das exigências impostas pelo progressivo andamento das sciências.

Em resumo, pois, a nossa Universidade organismo emergindo nas brumas do ambiente medieval viveu, primeiro, a vida adormentada e submissa da fé e da religião — até abrir os olhos estremunhados, aos clarões da Renascença.

Espertou com viveza — integrou-se com brilho, e destacou-se com afamado prestígio no resurgimento humanista da Europa renascida.

Breve amorteceu, asfixiada, improdutiva, no ambiente torvo, esterilizante da Contra-reforma Católica.

Por muito que Ribeiro Sanches insuflasse de espírito emancipado e progressivo o alçado da Reforma, a execução desta não concretizou senão muito deficientemente os seus princípios.

Criando a Faculdade de Filosofia natural, parece que abria ao espírito os horisontes largos por onde se expandia a cultura intelectual, nos vãos do pensamento filosófico emancipado e criador de orientações novas. Parece. Mas essa Faculdade abriu no seu 1.º ano com uma cadeira de Filosofia racional e moral; e quem chama o Marquez para primeiro professor dessa primeira cadeira na primeira Faculdade de Filosofia que à Universidade foi dado ter?

Foi o Reverendo António Soares Barbosa, educado e ordenado presbítero no Seminário episcopal de Coimbra formado na Faculdade de Cânones. Com seu curso de seminário, com sua formatura em Canones, sem a menor inciação no estudo das sciências físicas e naturais, vai este teólogo ser graduado gratuitamente, na Faculdade de Filosofia, pela própria mão do Marquez de Pombal que o despacha, em 9 de Outubro, lente proprietário do 1.º ano da Faculdade, para reger a Cadeira de filosofia racional e moral.

O acêrto desta escolha e o grau de adaptação dêste, aliás illustre, professor aos propósitos reformadores que inspiraram o célebre Compêndio Histórico, foram patenteados sobejamente traduzindo de Guadagnini o « Parecer sobre os chamados actos de Fé, Esperança e Caridade » traduzindo de Bossuet, Elevações a Deus sobre todos os mistérios da religião cristã; traduzindo ainda do francês, o Compêndio

Histórico do antigo e novo testamento com as razões em que se prova a verdade da nossa religião.

Assim, libertando-se da asfixia jesuítica, a Universidade ficava subordinada à preponderância teológica; e, ainda totalmente enfeudada à tutela do Estado, como qualquer repartição burocrática, na dependência directa de ministros de reis absolutos, não possuindo meios nem fôrça para reivindicar uma autonomia que a personalizasse como organismo senhor de si e responsável por seus destinos, a Universidade só podia evolucionar na órbita acidentada dos interesses políticos, como satélite a reboque dos poderosos astros governativos.

Com tão mal assegurado êxito à generosa aspiração reformadora, logo aos primeiros ventos da reacção ultramontana, o fogo sagrado, nos lares de Minerva, amortecia.

Em matéria de autonomia pedagógica, logo à Universidade, em 1767, se impõe esta subserviência estupenda: o Governo ordenou que os compêndios elaborados pelos professores para as respectivas cadeiras não fôsem dados à estampa sem que êle, Governo, primeiro os mandasse examinar.

Vaga, em 1795, a Cadeira de Terapêutica Cirurgica que, só em 1783, fôra criada, logo o Governo ordena que ela não seja provida. Os créditos da Universidade e as exigências do ensino impunham a desaccumulação de matérias, mas o Governo mandava como se fôra melhor o contrário.

Em 1823, como a Faculdade de Medicina insistisse por algum aumento de pessoal e de cadeiras de que tanto carecia, logo o prelado declarou que não seria atendida, por importar aumento de despêsa.

A torrente de legislação niveladora, durante a menoridade de D. Maria II, acabou com os Colégios agregados à Universidade estabelecendo vencimentos mesquinhos para todos os professores, que ficaram reduzidos a simples funcionários no Estado, trabalhando em uma repartição burocrática de nova espécie — a Universidade.

Vendo-se a Faculdade de Medicina obrigada a pôr em prática, provisoriamente, uma alteração na ordem dos estudos que já havia solicitado do Governo, logo êste abriu o olho tutelar escandalizado pela ousadia, extranhando à Faculdade o arbítrio com que alterava o plano dos estudos decretado.

Em 1866, como a Faculdade resolvesse sobreestar numa resolução tomada segundo a letra dos Estatutos, o Governo, suspeitando propósito acintoso, desfecha contra ela uma portaria de censura que foi considerada pela Faculdade como um documentô official que deprimia os seus serviços, menosprezava o seu zêlo e ultrajava a sua dignidade; ofensa esta, tão profunda como injusta, de que teve de desagrar-se públi-

camente, fazendo correr impresso e exarar no livro das actas um protesto altivo e enérgico.

Mas, ainda mais demonstrativo da nefasta acção dos governos monarquico-constitucionais, por sua incompetência e falta de compreensão das exigências científicas, é o que se passa nesta Faculdade de Medicina, a partir de 1882, com o Gabinete de Microbiologia.

Quando, no último quartel do século passado, as sciências físico-naturais receberam, em todos os países, o impulso fecundante que as desentranhou num pujante caudal de riquezas, no domínio da Medicina, as descobertas de Pasteur fizeram irradiar da França as linhas directrizes duma revolução científica que transformou profundamente, em poucos anos, o ensino médico em todos os países. Na Alemanha operou-se uma refundição completa em todas as Universidades, engrandecendo-se por toda a parte e duma maneira assombrosa, com os mais formidáveis laboratórios de investigações e de experiências, que levaram ao apogeu a sua glória, e deram alicerce inamovível à sua fôrça.

Em Portugal, a iniciativa inteligente e audaz do notável professor Augusto Rocha, secundada por toda a Faculdade de Medicina atravessou os desesperos de uma odisseia para organizar um modestíssimo gabinete de Bacteriologia; conseguindo apenas, numa luta de persistência e tenacidade inauditas contra os escolhos da penúria e as impossibilidades da indigência, conseguindo, dizia eu, que êsse magro, escasso, definhado embrião raquítico como se fôra filho dum organismo avariado, ou gerado pela Faculdade num desvio de escape à alçada da paternidade tutelar do Estado, só ao fim de dezenove anos !! fôsse reconhecido pelo Governo, e dotado miseravelmente no orçamento !!

Tomei estes dominantes tópicos na vida difícil e tormentosa, por onde tem vindo arrastando-se a evolução da Faculdade de Medicina, nas suas relações com o Estado. Mas decorre por igual teor a história das outras Faculdades, onde factos análogos superabundam.

Que o que fica dito, pois, seja tomado na justa medida duma síntese das relações em que viveu a Universidade pombalina, sempre serva e não raro maltratada, com seu senhor absoluto, o Estado, centralizador e despótico, tão avaro de concessões e recursos como cioso do seu império tutelar e prepotente sôbre esta instituição que, só no desafogo duma vida livre, no franco exercício de iniciativas rasgadas, na amplitude de uma expansão libérrima, e na robustez duma emancipação e autonomia perfeitas, poderia adquirir a autoridade, o valor e a capacidade funcional, emfim, para se responsabilisar na vida do nosso povo, como o cérebro diferenciado no organismo da nação.

Volvamos um pouco os olhos para fóra do nosso meio. O arrojo dêsse famoso *élan* da ideia livre que a Renascença acendera, que a Contra-reforma não extinguiu, e que o racionalismo estimulára e robustecera, incendiára labaredas no pensamento, alastrando por toda a Europa como um incêndio.

No fim do século XVIII, o ambiente político e social convulsionado, era varrido em todas as direcções por fortes correntes de ideais antagónicos, que redemoinhavam na atmosfera do pensamento; e a nefasta resultante, para o desenvolvimento sereno da ideia, não podia deixar de imprimir o seu traço forte na evolução profícuca da Sciência.

A Revolução Francesa, em que há uma efflorescência pujante de idealismos sobrepondo-se aos escombros duma debacle histórica, teve para a instrução as concepções altas dum perfeito ensino superior com Talleyrand e Condorcet.

« Para os filósofos da Revolução, o objectivo do ensino superior era a própria sciência. Mas, para os Administradores do Consulado, êsse fim foi a investidura dos grãos profissionais.

O que fizeram os homens de acção, ao acaso das circunstâncias e sob a pressão dos acontecimentos, foi justamente o contrário do ideal da Revolução ».

|| Como se ajusta ao que ocorre entre nós desde 1911 !!

E as Universidades subverteram-se, substituidas por meras escolas profissionais, independentes, de habilitação profissional sómente.

O império renovou a Universidade, mas com um sentido muito diverso, fazendo a « Universidade de França » que abrangia desde as Escolas primárias, os Liceus imperiais e as Faculdades, num todo único, rigidamente subordinado à direcção dum Grão Mestre, delegado da autoridade imperial. Era uma maneira de conseguir a uniformidade de pensamento, que Napoleão julgava indispensável à estabilidade do seu poder.

Por isso, Liar (*Universidades e Faculdades*) diz que Napoleão « criava, assim, uma fábrica de espírito público para seu uso, não assegurando nela, um lugar sério à Sciência que é uma fonte de liberdade ».

Ao mesmo tempo, a Prússia, desmantelada pelo furacão napoleónico, tentava resarcir-se da derrota para uma completa libertação.

Ao desastre de Iena, seguira-se a entrada de Napoleão em Berlim (25 de Outubro de 1806), e Frederico Guilherme III refugiara-se em Koenigsberg, rodeado de seus conselheiros e

partidários mais dedicados, para cujo convívio a Universidade de Kant lhe dera os patriotas mais ardentes.

E, quando Napoleão encerrava a Universidade de Halle, logo, em 1807, se concertava o plano duma Universidade nova para Berlim, que o rei aprova nestas palavras: — « *Eis o que é excelente e reanimador. O que o Estado perdeu pela força física, deve repará-lo pela força moral* ».

Ao mesmo tempo que Scharnsdorf reorganisa o exército, saem de Königsberg as poesias ardentes de Max de Schenkendorf; rugem os sonetos couraçados de Ruckert e o canto da morte de Koerne.

Forma-se a associação moral e científica a «Tugenbund» que Napoleão dissolve, mas breve ressuscita com o nome de «Deutscherbund» ao apelo de Jahn, e Frisen, e Maurice Arndt. E o grande filósofo Fichte mobilisa os espíritos para a luta. naquelas ondas quentes de patriotismo, que alastram por todos os estados, nos seus «Discursos à nação alemã».

Dêste anseio de libertação e da inspiração dêste patriotismo tão altamente intelectualizado, resultou consagrada a ideia de que o perdido pela força física se repararia pela força moral; e o fruto da ideia fecunda foi a Universidade de Berlim.

Ao passo que, em França, o caracter clássico das Universidades se subvertia, para dar lugar a uma organização pedagógica assente sôbre os princípios da centralização e do despotismo, em todos os estados germânicos, não só o espírito das Universidades velhas se virilizava, mas, em Berlim, uma nova Universidade surgia, inspirada das indicações intelectuais dos seus filósofos, conformada com todas as exigências que a liberdade da sciência impunha para o papel eficaz de resurgimento a que se destinava.

O teólogo célebre Schleiermacher definiu-lheo papel político e social; mas Guilherme de Humbolt, sábio e estadista, enérgico ministro de instrução pública, foi quem lhe deu a informação pedagógica, para que ela fôsse nestes termos: « *uma instituição educativa do Estado para a instrução das profissões scientificas, e uma corporação privilegiada de sábios cujas supremas funções devem ser a livre investigação dos conhecimentos humanos* ».

Desde então, ficava estabelecida a dupla missão universitária, ao mesmo tempo que se definiam também os princípios, em que assentavam as suas relações com o Estado.

Ficaram proclamados por Humbolt, na primeira memória sôbre a Universidade de Berlim, dirigida ao rei da Prússia, reivindicando para ela os direitos de independência e autonomia, como segue:

« *Não deve intrometer-se o Estado nos negócios internos da Universidade, e deve ter sempre presente ao espírito que isso não é nem pode ser da sua competência, e quando interfere, é sempre com prejuizo* ».

Guilherme d'Humbolt, que falava nestes claríssimos termos ao rei, era um sábio, e um estadista, e um ministro. A independência e a autonomia das Universidades alemãs estava proclamada; e respeitou-se. Deram no decorrer do século XIX, êsses centros de actividade scientifica, que levaram a Alemanha para a hegemonia mundial da sua sciência e da sua indústria.

A Universidade de França — Universidade imperial — unidade ficticia, teórica, cobria uma real desagregação efectiva das Faculdades distribuidas pelas provincias do Império.

Como meras escolas do Estado, adstrictas ao exclusivo papel docente, habilitando os funcionários do Império e das carreiras liberais, eram perfeitos *bureaux* de exames para o bacharelato, e nada mais.

O resultado foi que, à supremacia scientifica da Alemanha, correspondiam as Faculdades francesas com a decadência, que acompanhou a França até 70.

Já em 1867 Renan escrevia: — « É a Universidade que faz a escola. Diz-se que quem venceu em Sadowa foi o professor primário. Não, o que venceu em Sadowa foi a Sciência germânica ».

Pouco tempo passado, vem Sedan, e já Renan não era sósinho a pensar na mesma forma.

A França, porém, abriu os olhos para vêr que, o que se dizia uma questão de sciência, era, no fundo, uma questão de patriotismo. E, então, a França regenerou-se pela acção de successivos ministros e directores de instrução pública, que se seguiram na mesma linha de politica pedagogica, tendo por ideal a reconstituição das Universidades moldadas pelo tipo germânico.

E o que caracteriza a alta missão dessas perfeitas organizações scientificas e pedagogicas, são estes dois objectivos fundamentais, em que nunca será demasiado insistir: — Organização do trabalho scientifico, no sentido da investigação original, para alargar, quanto possível, as fronteiras do conhecimento; e organização das sciências applicadas constituindo-se a própria Sciência pura em manancial de riqueza e força social inesgotáveis.

Nas Universidades americanas e alemãs, onde a Sciência fluxa a jorros da fonte viva dos seus laboratórios, o primeiro objectivo é a própria essência do ensino universitário; é a sua marca especifica.

A investigação é o sistema nervoso da Universidade, dizia há pouco o professor Coultier de Chicago. *Ela que estimula e domina todas as outras funções e faz o ambiente à Universidade.*

Consagrar-se não tanto a adquirir a Sciência feita, mas a fazê-la progredir no próprio exercício dela mesma, eis o caracter especifico dessas Universidades.

A investigação é o ideal superior de todo o corpo docente na América, onde, a toda a hora, se insiste no propósito firme de não permitir que algum outro objectivo venha prejudicá-la; não consentindo método algum de administração que, sobre a investigação, exerça qualquer influência deprimente. E' de há muito também o ideal feito realidade na organização fecunda das Universidades alemãs que, primeiro e acima de tudo, funcionam como verdadeiras fábricas de incremento científico; pondo até, como elemento activo, ao serviço desse superior ideal, os próprios alunos, cuja educação é dirigida, não tanto a enriquecê-los com a sciência feita como, sobretudo, a habilitá-los com inteligentes métodos de investigação fecunda.

As Universidades são, assim, um foco de prática intensiva, onde se concentram as condições primaciais da actividade da vida social, pelo esquema duma autêntica educação científica. Não têm em vista a habilitação para carreiras feitas, educam para fazer carreira; preparam os espíritos para o sucesso na vida. Com a porta aberta para a entrada de todos, não dão a ninguém que de lá sai, o monopólio para quaisquer emprêgos.

A Universidade Leland Stanford — aviva a si própria esse objectivo com a divisa — *« to fit young persons for success in life »*

Ao lado do culto da investigação, a paixão das aplicações práticas toca na Alemanha, como na América, as raias do inconcebível, pelo número variadíssimo de institutos, pela extensão grandiosa das instalações, pelas dotações riquíssimas que os promovem e sustentam, pelo alto desenvolvimento em que prosperam.

Foi à Alemanha que veio a América aprender a utilidade, a necessidade, mesmo, para a indústria, desses laboratórios povoados de químicos, onde uma parte se aplica ao controle das fabricações, outra parte a investigações metódicamente proseguídas.

« Na maior parte dos ramos de produção, tudo aí começa pela química no laboratório, para se resolver pela mecânica na fábrica ».

Um director duma sociedade de produtos químicos dizia há pouco a um visitante:

— Nós temos na nossa fábrica 145 químicos; a metade, próximamente, aplicada à verificação das matérias primas e dos produtos fabricados, a outra metade ocupada, apenas, em investigações. Só estes 70 investigadores custam-nos, por ano, 350.000 francos. Nové décimos não produzirão nada, mas o décimo restante pode descobrir meio de ganharmos alguns milhões num ano.

Um exemplo empolgante das prosperidades que jorram a flux da associação da Sciência com a Indústria, é dado pela Fundação Carl Zeiss associada à Universidade de Iena.

Carl Zeiss era um modesto construtor de microscópios. Em 1866, relacionou-se com o matemático Abbe, que era privat-docent de Matemática, Física e Astronomia. Conjugaram-se o professor e o industrial, numa simbiose tão prolífica que, em poucos anos, a Casa Zeiss já não é oficina, nem fábrica, mas assume as proporções duma catedral grandiosa, onde a mística dum verdadeiro panteísmo industrial, pelo génio iluminado do sacerdote Abbe, celebrou, segundo os ritos da Ciência pura, o mais fervoroso *te scientiam laudamus* que, ao Deus da sua religião, podia inspirar a crença dum Santo. E' bem ali a Ciência feita poesia, porque cada engrenagem ali é uma estrofe, cada maquinismo um inspirado canto e a oficina toda uma epopeia. E' dessa maravilhosa fábrica, onde a um tempo se resa e canta o fecundo himeneu da Ciência com a Indústria, que sai o assombrò dèsses instrumentos ópticos, a multiplicar por milhares a potência do órgão visual, já de si tão prodigioso, com que a natureza nos dotou.

A guerra veio pôr em destaque a feição útil, no seu aspecto científico e social que se impõe às Universidades.

Mais do que nunca o valor prático afirmou-se agora, como manancial ubérrimo de fôrça, e fonte inexgotável de riqueza. « A Alemanha diz Maurice Caullery (*As Universidades e a vida Científica nos Estados Unidos*) forjou a sua audácia agressiva e a sua fôrça de resistênciã menos talvez na exaltação doentia do militarismo, do que na confiança sôbre os recursos que lhe assegurava o seu desenvolvimento científico ».

Tudo isto como? E por que meios?

Pela organização das Universidades em verdadeiras fábricas de intensivo e metódico trabalho científico, no sentido da investigação e no sentido das aplicações práticas.

E' a tecnologia científica consagrando o pragmatismo filosófico.

O ambiente científico moderno está definido. As próprias dominantes características dèste ambiente marcam as vias abertas já, por onde a evolução do nosso ensino e a vida das nossas Universidades têm de ser encaminhadas.

Não é preciso passar cartas de novo rumo à intellectua-lidade do nosso professorado. De há muito se acha integrado o seu pensamento na orientação da mais alta mentalidade europeia. Embora vegetando em terreno sáfaro, e sem incentivos que estimulem, não poucos dos nossos professores têm vincado, na vida interna desta Universidade, traços fortes de sua iniciativa, e as provas mais vivas de alta competência.

Pombal teve de importar de Itália professores que viessem dar algum alento de vida científica à contextura estatual

da Universidade reformada. Ainda não era passado um século, já a iniciativa vidente de professores como António Augusto da Costa Simões e Augusto Rocha, já a envergadura intelectual de tantos outros, ultrapassavam em avanço notório as exigências pedagógicas do Estado, e os recursos pedagógicos, tão escassos, da Universidade.

Ao findar a monarquia constitucional eu direi bem, que era igualmente necessário importar do estrangeiro, não alguns professores, como fez Pombal, mas sim o modelo duma Universidade nova, das mais progredidas em material e recursos, para nela enquadrar uma grande parte do nosso professorado superior.

A dentro da Universidade, um fogo intenso, de amor pelo ensino e pela Sciência, refundia o espírito do seu Corpo Docente. Durante o último quartel do século passado mostrou-se, pelas suas aspirações e esforços, numa adaptação perfeita de suas disposições intellectuais, para a grande revolução pedagógica que, na 3.^a República Francesa e sobretudo na imperial Alemanha, operou êsse brilhante *fiat lux*, a cuja claridade a face do mundo se transformou.

A Universidade tinha, em todas as Faculdades, a cultura mental do seu professorado integrada inteiramente, e sob todos os aspectos, no grande movimento de renovação científica, que fecundava a vida e o progresso daqueles povos mais avançados.

Até na própria Faculdade de Teologia; que era a ela, sem dúvida, que se referia o ilustre professor desta Universidade, Dr. Bernardino Machado, denodado paladino da Democracia, quando, em 1904, neste mesmo lugar assim afirmava: « Numa Universidade até os próprios que professam os dogmas do passado procuram argumentos para os sustentar. E, por por isso, ainda os mais conservadores dos membros do seu corpo docente, por mais provas a que os submetam de ortodoxia são sempre suspeitos de sacrilégio aos olhos torvos da reacção, das oligarquias absolutistas ».

Mas, nessa aura de inspiração progressiva e libertadora, vivia apenas o espírito do professorado. Na prática, o viver real da Universidade decorria forçadamente no mais doloroso e flagrante contraste com a orientação intellectual do seu corpo docente.

E' que toda a direcção, toda a administração, toda a economia, toda a mecânica da sua organização pedagógica, era sistematicamente cerrada ao alcance dos seus professores.

Não podendo sequer eleger livremente o seu Reitor, vivia como um corpo acéfalo, um autómato, a que só se dava corda no Terreiro do Paço.

Com toda a economia encerrada no Ministério da Fazenda,

arrastando-se numa derrocada financeira, nunca na Universidade havia dinheiro para nada!

Sempre opressivamente tutelada, sempre avaramente atendida, só não definhou de todo e não morreu, porque no seu interior o fogo sagrado do corpo docente tem feito crepitar a labareda viva daquele mitológico vigor da Fenix, que a faria renascer das próprias cinzas.

Ah! é dolorosa, mas é insofismável esta evidência, em que reconhecemos que a nossa Universidade, desde o fugaz esplendor da renascença, nem mesmo na época da Reforma Pombalina se encontrou favorecida de circunstâncias bastantes, nem apercebida de meios capazes, para desempenhar a alta missão científica, com que tantos de seus professores eminentes veriam fulgir com doirada luz os vãos audazes de sua iniciativa inteligente, e o fervor acrisolado de sua dedicação à ciência e ao ensino!

E essa insuficiência na nossa missão universitária refletiu-se palpavelmente na vida geral da nacionalidade; porque é na plataforma da ciência que se levantam, hoje mais do que nunca, as exuberâncias da civilização.

Não é o saber das verdades feitas, não é a ciência assimilada na ilustração brilhante do espírito de tantos professores, que nos falta.

A nossa míngua extrema é daquela ciência fecundada em elaboração contínua no ventre dos laboratórios abastecidos de material, vivificados de pessoal técnico; é a míngua de es olas de aplicação, onde os avanços da criação científica se aproveitam transmutados em volantes de propulsão civilizadora.

E dessa penúria e dessa indigência toda a responsabilidade a quem cabe?

A história da Universidade Pombalina, nas suas acidentadas relações com o Estado centralizador e tutelar, não comporta dúvidas, nem sofismas, sobre a resposta,

Mas, espíritos simplistas obtemperam, que nós não tivemos nunca os homens de génio, os inovadores fecundos, que houvessem de propulsionar-nos a caminho do desenvolvimento científico que brilha lá fóra. Erro.

A prosperidade científica dum povo não depende do número de seus génios extraordinários, que maravilhem o mundo com descobertas.

Os Newton, Leaplace, Umbolt, Cl-Bernard, Pasteur, são astros cujo brilho se não projecta apenas, na área duma nação; iluminam o mundo todo. Os frutos de suas ideias são, por sua vez, semente fecunda que germina no solo de todas as pátrias, onde se dediquem a fazer frutificar a sua luz. A Ciência não tem pátria. O Génio não é representante dum povo, é filho da Humanidade.

O que é preciso, pois, é organizar o trabalho científico, no sentido de explorar o conteúdo encerrado nas verdades

que o Génio descobre, como se explora o filão metalífero, nas minas que o escondem nas entranhas da Terra.

Promover a Sciência aplicada é a primeira condição de a fazer progredir, e receber dela algum proveito.

Se fazer obra genial, de inovação e descoberta, é apárgio de espíritos raros, excavar na mina até exaurir o filão uma vez achado, é empresa que só exige competência técnica, servida por bons instrumentos de trabalho.

A história das sciências nestes três últimos séculos, mostra-nos que os povos latinos e anglo-saxónicos são os que têm produzido os maiores creadores nas Sciências matemáticas, físicas e naturais, assim como os autores dos principais inventos do século XIX.

Mas o que é também unânimemente reconhecido, é que tem sido a Alemanha, que, dessas descobertas e inventos, tem sabido tirar o maior proveito.

Dum modo geral, não foi pelas descobertas geniais devidas a sábios germânicos, que a prosperidade científica da Alemanha se impoz à justificada admiração do mundo. Mas foi sim, no completo e perfeito desenvolvimento de todos os ramos da sciência aplicada, que ela encontrou a fonte inexgotável de progresso e de riqueza, com que se ensoberbeceu e desvairou até ao delírio megalômico da sua hegemonia mundial.

Não é a falta de grandes génios explicação bastante da nossa penúria científica.

Mas um outro preconceito, por ventura ainda mais funesto, nos apouca e amesquinha, pretendendo afectar-nos a estrutura íntima do character, com o estigma de atavismos depauperantes peculiares da nossa raça.

E' Oliveira Martins, dizendo que, em nosso povo, « a curiosidade intelectual não é traço de character eminente ».

E' Bruno, afirmando-nos que « nunca os portuguezes mostraram queda para as altas especulações filosóficas ».

E' o espirito forte do falecido Professor Miguel Bombarda, escrevendo que « vivemos entalados entre a Africa e o resto da Europa, constituindo uma zona de transição que diz tudo da nossa illustração e energia, da nossa intelligência e affectividade ». E, em seu dizer depreciativo, continua « Não penso fazer injúria a esta terra tendo-a na conta de ainda muito sentimental ».

E ainda não é tudo, a desalentar-nos o ânimo deprimido.

O desenvolvimento dos povos mais cultos é attribuido unânimemente às fundamentais qualidades de character individual que se integram na alma colectiva.

E nós, sem termos o character adaptado, nem para a iniciativa do inglês nem para a perseverança do alemão, como havemos de evolucionar como elles, faltando-nos o estofo primordial, o património psíquico da raça?

« E a nossa desolação não pára ainda.

Gustave le Bon diz-nos com uma clareza pungente: « pode-se tão pouco escolher as instituições, como a literatura, a língua, as crenças, as artes, ou qualquer elemento de civilização.

Estes elementos são o produto da alma da raça, e, para os mudar seria preciso mudar primeiro essa alma ».

Se a nossa rudimentar característica intelectual, notada e afirmada por grandes espíritos da nossa própria terra, nos compunje, ainda mais nos molesta e confrange, à face das convicções psicológicas de Le Bon, a dificuldade quasi insuperável, de sairmos duma tão embrionária mentalidade para a viridade adulta duma alta vida racional.

Impõe-se-nos arrancar o espírito dêste beco sem saída, onde tanto nos deprime a opinião dos primeiros, como nos priva de esperança a opinião do segundo.

Precisamos considerar de perto as doutrinas em voga, que, não só nos não dão alento, mas profundamente nos desconsolam, quanto à maneira de sairmos de tão deprimentes condições, para onde abalizados pensadores nos recalcam.

Nessas doutrinas, encontraremos, como vício radical, a subordinação do pensamento a preconceitos filosóficos arvorados em postulados científicos, e com cuja inconsistência, portanto, todas aquelas opiniões se arruinam, permitindo-nos encarar problema tão vital da nossa raça, por prisma mais animador.

Esse vício raciocinante é o preconceito mecânico-determinista do mundo físico, implantado na psicologia, a apagar as características funcionais irreduzíveis do pensamento, compreendendo pelo molde do determinismo mecânico o determinismo psicológico.

Façamos uma análise breve dêsse conceito que tudo invade, e que, sendo o mais útil e poderoso instrumento lógico da ciência objectiva, não, pode, todavia, entrar sem correção essencial, no domínio da psicologia.

Foi a astronomia, com seus sistemas, os corpos celestes, em fases lentas de duração estendida por milhares de séculos, que deu um aspecto de rigor absoluto às previsões da matemática, pondo, como rigorosamente fixas, as leis dos astros nas suas órbitas.

A dinâmica astronómica desceu dos ceus para a terra, e alastrou, como dinâmica física, por toda a natureza, a rede conceptual do mesmo determinismo mecânico.

Açambarcando toda a fenomenalidade, implantou-se na biologia; invadiu logo após a psicologia. E, na esfera do pensamento como no domínio da matéria, toda a capacidade dinâmica do ser pensante, ou do corpo inerte, se entendeu calcular, bem, só em função do momento actual e do momento

imediatamente anterior. A força dinâmica é o produto da massa pela aceleração; a força viva depende da quadrado da velocidade que, por sua vez, é a aceleração multiplicada pelo tempo; finalmente, o trabalho mecânico é o produto da terça pelo espaço andado.

Trabalho mecânico, força viva, aceleração, tudo depende, no fim de contas, dum espaço já percorrido. Todo o potencial dinâmico é função exclusiva do espaço andado, da velocidade adquirida, do tempo gasto; tudo elementos inteiramente do passado, tudo realidades que já foram, que o móvel já executou.

A possibilidade de, em física, tudo reduzir a um determinismo mecânico, com todos os elementos dinâmicos colhidos na anterioridade do momento que se considera, enraizou em todas as sciências o conceito de que a precedência e a causalidade eram inseparáveis absolutamente.

Passando o conceito à biologia, todo o conhecimento dos seres vivos se reduziu a uma investigação histórica.

A sciência do mundo vivo tornou-se mesmo a História Natural; e, na vida como na mecânica, tudo pretenderam compreender no presente, fazendo sondagens investigadoras nas profundezas do passado.

O mundo de hoje só visto como efeito do que foi ontem; toda a fenomenalidade mecânica biológica, psicológica, decorrendo em evolução contínua, por numa série ininterrupta de formas, todas derivando umas das outras por impulsão vinda de trás.

Mas o determinismo mecânico, sendo um resultado da aplicação do pensamento à exploração da realidade objectiva, não é um sistema lógico, integral e absoluto, que abranja toda a fenomenalidade. A intimidade subjectiva escapa-lhe, no seu mecanismo ideativo; e nem é absolutamente exacto na sua aplicação ao mundo exterior.

E' aplicável, em rigor, sómente, a sistemas conservativos, ou fechados, onde a reversibilidade seja possível. Na mecânica real da natureza, a irreversibilidade das fases evolutivas é hoje incontestada; garantida pela Termo-dinâmica que nos impõe a degradação de energia, ou aumento da entropia, como impossibilidade de manter constante a energia transformável.

Essas insuficiências, todavia, não impediram a generalização do conceito mecanista, não lhe escapando as sciências psicológicas e sociais.

E todas as modalidades de energia, como todas as formas de actividade, foram pelo mesmo esquema interpretadas.

O caminho percorrido explicava o potencial do móvel na mecânica; a evolução desenrolada no tempo ido, e a ancestralidade estruturada na organização, definiam a morfologia

da espécie, explicavam os caracteres da raça, determinavam a especificidade reacional dos indivíduos e forneciam o estôfo moral do carácter, dominando a feição intelectual da mentalidade individual e colectiva dos povos.

Tudo em física, biologia e psicologia, aparece como emergindo do passado, onde, por um determinismo de anterioridades, se pretende exaurir a potência casual de todos os fenómenos.

E, recuando para um passado de séculos sem medida, nós veríamos a inteligência emergir das brumas da sensibilidade; a sensibilidade consciente provir da sensibilidade inconsciente de Cl. Bernard, ou sejam, no homem, as reflexas medulares, por sua vez antecedidas da irritabilidade neurónica que, ainda emerge do confuso reacionismo geral mergulhado no cáos vital da célula, onde, nos limites da organização, redemoinha a dinâmica dos protoplasmas.

Em resumo, pois, ficaria a inteligência progredindo da sensibilidade; o afectivo da animalidade primando o psiquismo da razão — sem nuances de qualidade, apenas em quantidade variando, como grandes complementares, por cujos valores relativos, se pretende que o carácter do homem se defina tanto menos superior e intelectual, quanto mais viva e intensa a sua afectividade se manifesta.

Um povo sentimental seria bem, assim, um retardado de intelectualidade rudimentar; um atrasado na diferenciação psicológica, de mentalidade inferior portanto, necessitando percorrer a extensa via secular duma educação adaptativa que lhe apurasse os quilates da tempera nas forjas da evolução. Só por essa via nós poderíamos modificar a afectividade inacta, que nos diminue o modulo intelectual, em proveito do sentimento.

E, entretanto, rodariam séculos sôbre a almejada transformação lenta do coeficiente afectivo em actividade intelectual; continuando nós em subordinação passiva às fôrças daquela ancestralidade longínqua que, sendo o alicerce do carácter, nos desintelectualiza a mentalidade.

Mas... não será bem assim.

A' luz duma forte corrente filosófica que se diz inspirada da biologia, a eficiência dinâmica do sentimento sôbrepuja a nula eficacia da pura ideia. Toda a engrenagem do mundo moral e social será movida mais pelas alavancas, embora obscuras mas impulsionantes, da ethologia e da estética, do que pelos cordelinhos frageis, embora luminosos, da lógica.

Por aquelas alavancas, fôrças afectivas, será que tudo se move, tudo cresce, tudo se dissipa, tudo fermenta, tudo tumultua; a consciência, aparecendo na torrente que brota dos subterraneos da vida subliminal, com uma claridade que só aflora a superfície. A consciência, epifenómeno, a luz da ideia um clarão, apenas iluminando o acto, sem capacidade de produzi-lo.

Toda a realidade de acção e progresso, toda a potência eficiente, do acto individual, ou do facto histórico, brotará dessa obscura fonte de energia creadora, onde fermentam os germens de todo o sentimento que nos domina ou da paixão que nos arrebatá, antes de faiscar na consciência a luz da ideia que depois nos guia. Assim, na estrada da civilização projecta-se a luz da intelligência iluminando a trajectória dos povos; mas a fôrça propulsora do avanço é do fundo das energias affectivas que dimana; como o brilho do Sol, também ilumina pelos espaço, a trajectória dos planetas, mas é pela fôrça obscura da atracção que executam o movimento em suas órbitas.

Ah! Sim. O efectivo é o original, o primitivo, o precoce no desenvolvimento ontogénico do indivíduo; o primordial na evolução filogénica da raça. É o *apriori*, na prática da vida, o *elan* inconsciente na evolução da história.

O intellectual é a florescência serôdia do homem, a diferenciação tardia do cérebro, é a luz à posteriori da razão que, mesmo quando já começa a alumiar os passos da criança, nada vê nada conhece, do obscuro mecanismo das alavancas, nem do jogo inconsciente dos musculos, que tão atiladamente lhe equilibram a marcha.

Mas, logo o desejo, embrião da vontade, desponta; e a intelligência, polarizada em orientação egoista, começa a interferir na vida pelas fronteiras do interesse. A intelligência surge, afinal, como a superfície iluminada do instinto de conservação.

O affectivo prima o intellectual; sim, na sequênciã do desenvolvimento individual e na ordem da evolução histórica.

Prima-o, no tempo, e na potencialidade dinâmica para a acção; mas subordina-se-lhe na perfectibilidade da execução, e na proficuidade dos efeitos.

O instinto de conservação é bem a fonte originária dessa affectividade que, primeiro sob a forma de egoismo, começa a intellectualisar-se na consciência.

A criança é egocêntrica, conjuga todos os verbos na primeira pessoa. É, se podemos não aceitar de Fouillé a noção integra das ideias fôrças, recusar à logica o potencial dinâmico da execução do acto, o que não podemos negar é que só a intelligência marca sentido e fôrma à trajectória do proceder, impondo finalidade à impulsão.

Seja, que nas caves psico-fisiológicas onde germinam às escuras as potenciais dinâmicas da acção, tudo se reduza, por ventura, a puro determinismo mecânico, segundo as equações diferenciais de Lagrange: mas, logo que aflora no lumiar da consciência a ideia intellectualizada, é o determinismo finalista que se instala.

Todo o acto consciente passa a inspirar-se duma intenção,

que é a finalidade integrando-se nas determinantes do proceder.

A teoria das causas finais não tem já lugar no estudo objectivo da natureza; mas não perderá nunca o valor predominante, que lhe pertence, no determinismo psicológico.

A Sciência prevê, e é porque prevê que pode ser útil e servir como regra de acção. Prever é formar uma ideia do que há de ser realidade, mas que no momento actual ainda o não é.

Proceder em harmonia com a previsão feita, é pôr no determinismo psicológico do acto, um elemento de realidade futura; ao contrário do determinismo mecânico, que só é função de realidade esgotada.

Assim, na conducta humana, são as conseqüências que mais valorizam os princípios; a vida decorrendo como um silogismo às avessas.

E' caracterizando, por sua finalidade, o acto, que até o assassinato não é crime, se o seu objectivo foi a defesa própria. Na história da humanidade até as atrocidades da guerra se justificam pela vitória dos que a alcançam; porque representa a satisfação da finalidade que a desencadeára.

O arrependimento, o remorso, são o reconhecimento penoso duma finalidade que falhou.

A finalidade aparece-nos, assim, como elemento predominante interferindo na lógica com que a inteligência guia a acção. E' ela essa finalidade que sintetisa o ideal, como um centro onde convergem as aspirações; como alvo que norteia as tendências dessa impulsividade affectiva que dá poder de eficiência à vontade.

E' o futuro; é o desconhecido, o ignorado, que tanto solicita a evolução da vida, como estimula o avanço da ideia.

Em todo o mundo vivo se reconhece aquele incoercível *elan vital* de Bergson, surgindo das criptas da organização, como alguma coisa que o passado não explica e ao determinismo mecânico escapa.

Esse *elan*, que é, na estrutura do ser, o potencial que lhe afirma a vida no sentido positivo para se continuar, é, no mecanismo do pensamento, a potência estimulante da ideia que nos leva irresistivelmente a razão a induzir. Ninguém soube ou pode, até hoje, definir esse arrojo do nosso espírito para a indução: fôrça incoercível que nos impele a dar o salto para diante do demonstrado.

Mas é tão manifesta a sua acção que a própria Matemática nele assenta o axioma basilar de toda a sua mecânica demonstrativa.

E', no fundo, o *intuitus purus* de Descartes, que apreende directamente a verdade sem demonstração.

Descartes reconhecia êsse alôr espontaneo nos germens da sciência que estão em nós — «*sont in nobis semina scientia*». Ainda melhor quando diz: — «*Habet humana mens nescio quid divini*».

E' o avanço espontâneo que dá convicção e dá certeza; que nos faz vêr a verdade em «n» quando ela só está provada para «n-1», como na demonstração por recorrência a que toda a Matemática se reduz.

Não é só um apetite intelectual, é fome, é voracidade que na passagem de «n-» a «n1» assimila a verdade sem a digerir. E' o estímulo que impele à interrogação contínua a curiosidade da criança. E' a voracidade insaciável que impele o pensamento ansioso, pelo declive da voragem analítica, a caminho do abismo sem fundo dêsse infinito abstracto, para onde rolaria indefinidamente, se da própria impossibilidade não fizesse barreira, criando um fantasma ideal, negativo, contrapitório da corrente lógica que o despenha na voragem das séries sem fim.

Assim procede a Matemática com o infinito, que é a contradição e negação do número: a física com o éter, que é a contradição da matéria: a química com o átomo, que era há bem pouco a negação de tudo o que é corpo: até a própria teologia com Deus, que é a negação da causalidade mesma, que a êle a leva.

Nas Ciências Naturais, êsse alôr espontâneo de curiosidade fecunda, necessita de observação; e é por ela que procede; mas o conhecimento avança sempre, por aquele impulso misterioso da indução, dando, de quando em vez, o salto de génio, que passa além do observado.

É a própria essência do processo lógico que pela lógica já se não explica, porque a própria lógica é ele, êsse *elan* divinatório que produz, pela indução, o verdadeiro incremento científico, alargando sôbre a natureza o conhecimento humano. Induzimos, como se estendessemos a mão a colhêr da árvore da ignorância, o fruto que o terreno já cultivado pela Ciência nunca produziria sem êsse gesto.

E que diremos no domínio artístico?

Descartes punha acima do raciocínio dos filósofos o alôr psíquico espontâneo, da imaginação dos poetas.

Rodin explorou com génio essa fonte virgem de emoções estéticas, sabendo estimular êsse alôr psíquico do belo.

Parece dar-nos a prova paradoxal de que é tal a força de *elan* e avanço do pensamento, que se torna preferível realizar pouco, só pelo prazer de não fazer tudo, deixando livre a concepção do mais.

A obra de Rodin abre as portas ao templo da beleza; mas para Rodin êsse templo não é fechado como um sacrário, de onde a emoção estética refluindo, tivesse de sair às arréguas; é apenas o átrio da avenida ampla, para onde se expande livre o *elan* artístico, avançando o ideal iniciado.

Teve a intuição de que o ideal não tem paragem que o não apouque. O *elan* da emoção sufoca-se com o ponto final; Rodin deixa a obra com reticências...

E é isto a vida! E' assim a força misteriosa dêsse alôr

psíquico que, mais ainda que o *elan vital* de Bergson, nos faz do pensamento um enigma atroz, como se fôsse um paradoxo absurdo que engordasse da própria fome, satisfazendo-se da sua própria ansiedade insaciada!

Assim, pois, aplicado à evolução da vida, e ao mecanismo do pensamento, o determinismo mecânico não pôde produzir senão noções falsas, sempre, ou quasi, completamente invertidas; porque nos leva para dentro da fisiologia e da psicologia, um processo lógico de nexos exclusivos com o *passado*; quando na vida e no pensamento há, de sua essência irreductível, um nexo preponderante com o *futuro*.

Mas, há mais ainda. A previsão, que a ciência obtém graças ao determinismo mecânico, só é realizada quando mantida a estabilidade do sistema em que ocorrerá.

A previsão feita nada influe no curso normal das determinações mecânicas que vão desfechar o fenómeno previsto; mas, integrada no pensamento, pôde tornar-se o elemento preponderante no determinismo psicológico, definindo a nossa atitude ou movendo a nossa acção, em relação a esse futuro facto que, ainda, não é realidade.

A situação do corpo físico, função exclusiva do seu *passado*, em nada se liga ao que virá depois. É a avalanche alpina, despenhando-se pelo declive, imperturbável e fatal, quer a espere no fundo o macio relvado da planície onde se afofe, ou a água escura dum lago onde se afunde, ou ainda o travão dalgum penhasco, onde se esborôe feita em estilhaços. Com absoluta indiferença pelo futuro de sua individualidade corporea, os accidentes da trajectória não tem nêsse corpo repercussão, senão quando os topa no caminho.

O homem, com a memória do *passado*, faz a previsão do *futuro*, que determina a sua atitude no *presente*. A cada passo, na trajectória da vida, a cada momento, na nossa existência, corresponde uma atitude psicológica, que o caminho a percorrer define e orienta.

Se, no mundo físico, tudo explicamos em função do que já foi, e na esfera do pensamento domina a preocupação do que ha-de ser, ao problema psicológico fica vedada a intromissão do raciocínio pelo esquema mecânico. Na física tudo é actualidade duma impulsão passada, em psicologia tudo é actualisação duma realidade futura.

Eis a razão dêsse indomável *elan* indefinido e vago que, para diante, nos atrae e chama a proseguir, em todás as manifestações vitais. Sintetisa-se no ideal, que é um futuro com reticências...; e, concretisando-se pela previsão em termos de finalidade, é êle que nos mobilisa a acção e orienta o proceder.

Mas, êsse determinismo mecânico, tão útil nas sciências físicas, seduziu, subjogou os espíritos, saindo para fóra dos sistemas isolados, conservativos ou sensivelmente fechados da mecânica, para outros onde a irreversibilidade manifesta

não podia comportar tal método, senão com grande sacrifício da verdade dos conceitos.

Assim sucedeu em Biologia e Psicologia, onde a verdade, sacrificada ao preconceito mecânico-determinista, se mascarou de aspectos ilusórios que é preciso modificar.

Este coeficiente, estrictamente intelectual, que dirige e faz convergir as forças afectivas no fóco duma ideia luminosa a realizar, é que domina e inspira o proceder individual, como marca as directrizes na evolução dos povos.

E, quando uma finalidade imperiosa se ilumina de clarões demonstrativos que mudam os nimbros da Esperança em uma verdade de convicção, então é que a affectividade põe suas forças ao serviço da razão; a sentimentalidade despe-se das formas affectivas que a ligam ao condicionalismo orgânico para tornar-se intelectualidade liberta, acima dos determinismos fisiológicos, na dinâmica do pensamento, onde a finalidade impera como absoluta.

Que venham essas forças affectivas dos subterrâneos do Eu, que emergem das últimas criptas da organização, que germinem na estrutura ultramicroscópica dos neurónios ou na fermentação bio-química dos plasmas: que elas sejam a síntese dinâmica das fundas energias vitais intrínsecas da substância organizada, ou que sejam a integração do número infinito de esquemas dinamogénicos impostos pela acção do meio às reacções adaptativas da matéria viva; todas elas, assim, impulsivas e tumultuosas, inatingíveis na sua potência, indeformáveis na sua qualidade, são todavia susceptíveis de se orientar em direcções convenientes; e, polarizando-se a uma finalidade determinada, canalizados os seus impulsos numa trajetória bem definida, ela torna-se a energia eficiente do acto pelo esquema da intelligência.

O que é indispensável é criar bem vivo esse fóco de convergência, esse norte polarizante; avivar a méta a que deve tender a trajectória do proceder, para que a vida tome rumo bem determinado e as energias da impulsividade affectiva se não dispersem em derivações improduttivas, que lhe enfraqueçam o caudal desfalcando a eficacia propulsiva.

No seu livro *Energia Americana*, Firmin Roz fala de uma intelligência precisa e *linear*. Eis a definição característica dominante da psicologia do americano.

O resultado é um procedimento rectilíneo.

Faz o que faz, caminha em linha recta, não se dispersa em zig-zagues.

Mas, a linha recta exige para a sua determinação dois pontos. E a vida é fundamentalmente uma série de actos em linha. A vida é um fenómeno que continúa, diz Dantec.

Tem sempre adiante, o *futuro* para onde se estende, à medida que o actual se vai enrolando no novelo do *passado* que se extingue. E' preciso que, nesse *futuro*, um ponto nítido, um alvo claro, marque a direcção à trajectória por onde o homem encaminhe o procedimento. A meta, o alvo, que norteia a acção, é assim sempre um elemento do *futuro* que o pensamento chama a interferir nas determinações do *presente*. Entra, pois, em função a característica mais essencial e irreductível desta subtil máquina da inteligência, que se propulsiona com seu próprio produto, haurindo do passado pela memória, alimentando-se do futuro pela previsão, e laborando, no momento actual, a ideia como síntese do que já foi e daquilo que ainda não é, preparando no homem as atitudes de frente para o que será.

Mas, o *futuro* é incorporeo, é vago e escuro; para êle se evolvam as fantasias, os devaneios, as utopias, as aspirações indecisas, intuições fugazes atravessando como relâmpagos um cáos de sombras.

Compete à razão o *fiat lux* nesse cáos, raciocinando as previsões lógicas que hajam de fazer convergir, para uma finalidade segura, as potencialidades afectivas que, do património hereditário da tradição, num *passado* que já morreu, anceiam por se expandir, na realização dum *presente*, que é a Vida, preparando um *futuro* que seja o Progresso.

Em face das considerações psicológicas que deixo esboçadas, o problema da nossa mentalidade apresenta-se-nos sob um aspecto inteiramente novo, e diverso daquele em que o encaram as opiniões depreciativas que uma fraca capacidade intelectual nos inculcam.

Não é a nossa sentimentalidade que nos deprime. A posse, mesmo, do rico depósito de qualidades afectivas que nos atribuem, inspira-nos a convicção de que sendo mobilizadas, como fôrças de acção, ao serviço duma finalidade bem marcada, patentearia toda a sua efficacia na realização dos maiores objectivos.

Mas essa finalidade, que encaminharia a pujança do nosso espírito no sentido dum largo desenvolvimento scientifico fautor duma rica prosperidade nacional, essa finalidade feita ideal a proseguir, e bem definida como objectivo a realizar, não tivemos em Portugal quem lhe dêsse vulto e relêvo, formulando-a em termos de se impôr; e, menos ainda, quem lhe emprestasse os meios de se efectivar.

Essa finalidade, definida como objectivo nacional, é que preponderou como fôrça determinante da prosperidade scientifica a que se elevou a Alemanha, em todo o século XIX. Ela foi formulada com toda a nitidês, em 1807, por Frederico Guilherme III quando, ao aprovar o plano da fundação da Universidade de Berlim proclamou que — «o que o Estado perdêra pela fôrça fisica o devia reparar pela fôrça moral».

E, logo, o êxito dessa finalidade ficava assegurado cons-

tituindo-se a Universidade como « Corporação privilegiada de sábios cujas funções devem ser, acima de tudo, a livre investigação dos conhecimentos humanos ». Foi um verdadeiro determinismo finalista que promoveu essa exuberante riqueza civilizadora, que irradiara a ciência alemã, por todo o mundo.

E, para que o objectivo daquela finalidade se não pervertesse, nem os meios de sua realização se prejudicassem, a instituição universitária não só se constituiu com todos os recursos precisos para a vida dispendiosa, mas fecunda, da ciência, como, também, se punha ao abrigo de todas as influências perturbadoras dos políticos e dos Governos, outorgando-lhe aquela autonomia e independência tão incisivamente acentuada na memória de Humbolt ao rei da Prússia, e cujos termos, já atrás indicados, bem merecem entre nós repetir-se até serem ouvidos: — « Não deve o Estado intrometer-se nos negócios internos da Universidade, e deve ter sempre presente ao espírito que isso não é nem pode ser da sua competência; e que, quando interfere, é sempre com prejuízo ».

Ah! Seguramente não é uma utopia vêr como pode preponderar na marcha evolutiva dos povos, mais a finalidade, como representação subjectiva do seu destino, do que a ancestralidade estruturada no seu património hereditário.

Toda a vida individual, como toda a evolução colectiva, avançam mais pela atracção dos objectivos que as solicitam de diante, das bandas do futuro, do que pelas forças do determinismo mecânico que simplesmente as empurram de trás, vindas da banda do passado.

A voz dos mortos só se ouve quando a voz dos vivos amortece.

É a falta duma finalidade sugestiva, e atraente, e não é a escassês de homens de génio, nem a falência de iniciativas intellectuais, que nos apouca a história moderna desta gente ousada mais que quantas no mundo cometeram grandes coisas.

Ex.^{mo} Presidente. — Com as Instituições Republicanas rompe pela Universidade uma lufada de ar reconfortante. Soprada por V. Ex.^a com o largo fôlego dum espirito que é na esfera alta dos grandes ideais a incarnação luminosa da intelligência livre, essa rajada de ar vivificador não podia deixar de vir iluminada dos revêrberos que na incandescência

do seu amor patriótico refulgem sempre de par com os clarões da ideia liberalíssima.

E o verbo emancipado, que nunca soube o que era outra tutela senão o amor da Pátria, proclamou e estatuiu que a Universidade não tivesse outra tutela senão o amor da Sciência.

A autonomia universitária foi um facto. Mas, o sectarismo estreito da Política, sorvedouro de todas as independências, por pouco tempo deixa brilhar no diadema de Minerva o esplendor da Liberdade que, sob a egide da República, por determinação de V. Ex.^a, uma vez aqui resplandecêra.

E o nosso espirito ancioso, cheio de zêlo pela Sciência e acendrado de amor patriótico, vergado, embora, ao pêso duma hora má que ainda dura, desejaria que retumbasse pelos ares ao largo, enchendo os âmbitos da nossa Pátria, esta exortação recriminativa — Quando se compreenderá definitivamente em Portugal que a Liberdade e a Sciência são igualmente necessárias à fecundidade duma e outra, e ambas elas, e só elas, a fonte viva das prosperidades com que se engrandecem os povos?

¿ Quousque Tandem Catilina... ?

ASSEMBLEIA GERAL DA UNIVERSIDADE

1950

Presidente

Deputado da Universidade

Deputado

Deputado

Vogal

PESSOAL, REPARTIÇÕES E INSTITUTOS UNIVERSITÁRIOS

Dr. António Carlos Ribeiro de Sá Pereira - *Reitor da Universidade*

Dr. Joaquim Mendes das Russas - *Bibliotecário*

Dr. Augusto Louçã - *Arquitecto*

Dr. José Joaquim de Oliveira - *Arquitecto*

Dr. H. Carlos Mendes de Vasconcelos - *Arquitecto*

Dr. Augusto de Castro e Almeida - *Arquitecto*

Dr. Manuel Gonçalves Pereira - *Arquitecto*

Dr. Joaquim de Carvalho - *Arquitecto*

Professores catedráticos

Dr. José Maria de Barros - *Arquitecto*

Dr. Paschoa Pereira - *Arquitecto*

Dr. João Maria de Sá - *Arquitecto*

Faculdade de Direito

Professores catedráticos

Dr. Guilherme Alves Martins - *Arquitecto*

Dr. António Pinto de Almeida - *Arquitecto*

Dr. Álvaro de Castro - *Arquitecto*

Dr. José António dos Reis - *Arquitecto*

1. - O presente relatório foi elaborado pela Comissão de Inspecção, a qual, por sua vez, teve em consideração o relatório do Reitor da Universidade de 1950.
2. - Foram também em consideração os pareceres emitidos pelas Comissões de Inspecção de cada uma das Faculdades.
3. - Encarregado da redacção do presente relatório, o Sr. António Carlos Ribeiro de Sá Pereira, Reitor da Universidade.

PERSONAL REPARTIÇÕES
E INSTITUTOS UNIVERSITÁRIOS

ASSEMBLEIA GERAL DA UNIVERSIDADE

(Art. 6.º do Estatuto Universitário de 6 de Julho de 1918)

Presidente

O Reitor da Universidade.

Secretário

O da Universidade.

Vogais

FACULDADE DE LETRAS.

Professores ordinários:

Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos — *Director da Fac.*

Dr. Joaquim Mendes dos Remédios — *Bibliotecário.*

Dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos.

Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães.

Dr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos.

Dr. Eugénio de Castro e Almeida — *Secretário da Fac.*

Dr. Manuel Gonçalves Cerejeira.

Dr. Joaquim de Carvalho.

Professores provisórios:

Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho (1).

Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação (1).

Dr. João Maria Telo de Magalhães Colaço (2).

FACULDADE DE DIREITO.

Professores ordinários:

Dr. Guilherme Alves Moreira — *Director da Fac.*

Dr. Artur Pinto de Miranda Montenegro (3).

Dr. Alvaro da Costa Machado Vilela — *Bibliotecário.*

Dr. José Alberto dos Reis

(1) Figuras também no quadro da Faculdade de Ciências, a que pertencem, sendo, porém, contados uma só vez para o efeito da votação.

(2) Figura também no quadro da Faculdade de Direito, a que pertence, sendo porém contado uma só vez para o efeito da votação.

(3) Encarregado da regência de cadeira na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (Decreto de 13 de Dezembro de 1918).

Dr. António Faria Carneiro Pacheco — *Secretário da Fac.*
 Dr. Manuel Paulo Merêa.
 Dr. Domingos Fezas Vital.
 Dr. João Maria Telo de Magalhães Colaço.
 Dr. António de Oliveira Salazar.

FACULDADE DE MEDICINA.

Professores ordinários:

Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral — *actual Reitor.*
 Dr. Daniel Ferreira de Matos — *Bibliotecário.*
 Dr. Luís Pereira da Costa — *Director da Fac.*
 Dr. Basílio Augusto Soares da Costa Freire.
 Dr. Lúcio Martins da Rocha.
 Dr. Adelino Vieira de Campos de Carvalho.
 Dr. João Serras e Silva.
 Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca.
 Dr. Luís dos Santos Viégas.
 Dr. Elísio de Azevedo e Moura.
 Dr. Alvaro de Almeida Matos.
 Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro.
 Dr. João Emílio Rapôso de Magalhães.
 Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito.
 Dr. António Luís de Moraes Sarmiento.
 Dr. João Duarte de Oliveira.
 Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa.
 Dr. Feliciano Augusto da Cunha Guimarães — *Secretário da Fac.*
 Dr. João Marques dos Santos.
 Dr. Fausto Lopo Patrício de Carvalho.

FACULDADE DE SCIENCIAS.

Professores ordinários:

Dr. Júlio Augusto Henriques.
 Dr. João José Dantas Souto Rodrigues.
 Dr. José Bruno de Cabêdo de Almeida de Azevedo e Lencastre.
 Dr. Henrique Teixeira Bastos — *Director da Fac.*
 Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo.
 Dr. Henrique Manuel de Figueiredo.
 Dr. Luciano António Pereira da Silva.
 Dr. Bernardo Aires.
 Dr. Álvaro José da Silva Basto.
 Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho.
 Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação.
 Dr. Egas Ferreira Pinto Basto.
 Dr. Luís Wittnich Carrisso.
 Dr. Francisco Martins de Sousa Nazaré — *Secret. da Fac.*
 Dr. Bernardino Luís Machado Guimarães.
 Dr. Diogo Pacheco de Amorim.

ESCOLA SUPERIOR DE FARMÁCIA.

Professores ordinários:

Vicente José de Seíça.

Manuel José Fernandes Costa — *Director da Escola.*

B.^{el} José Cipriano Rodrigues Denis — *Bibliotecário.*

Vitor Henriques Aires Móra — *Secretário da Escola.*

ESCOLA NORMAL SUPERIOR.

Professores:

Dr. Luciano António Pereira da Silva — *Director.*

Dr. João Serras e Silva.

Dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos — *Secretário.*

Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães.

Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação —
Delegado ao Senado e Bibliotecário.

Dr. Eugénio de Castro e Almeida.

REPRESENTANTES DOS PROFESSORES LIVRES — Vagos.

REPRESENTANTES DOS PROFESSORES CONTRATADOS.

Letras — prof. John Opie.

REPRESENTANTES DOS ASSISTENTES:

Faculdade de Letras — Vago.

Faculdade de Direito — Vago.

Faculdade de Medicina — Vago.

Faculdade de Ciências — Vago.

Escola Superior de Farmácia — B.^{el} José Colaço Alves Sobral.

REPRESENTANTES DOS ESTUDANTES:

Faculdade de Letras — Vago.

Faculdade de Direito — Vago.

Faculdade de Medicina — Vago.

Faculdade de Ciências — Vago.

Escola Superior de Farmácia — Joaquim Vitorino Faria de Aboím.

SENADO UNIVERSITÁRIO

Presidente — o Reitor.
Vice-Reitor — Vago.
Secretário — o da Universidade.

*

Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos — *Director da Faculdade de Letras.*
 Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães — *Delegado dos professores ordinários da mesma Faculdade.*
 Dr. Eugénio de Castro e Almeida — *Secretário.*

Dr. Guilherme Alves Moreira — *Director da Faculdade de Direito.*
 Dr. Manuel Paulo Merêa — *Delegado dos professores ordinários da mesma Faculdade.*
 Dr. António Faria Carneiro Pacheco — *Secretário.*

*

Dr. Luís Pereira da Costa — *Director da Faculdade de Medicina.*
 Dr. João Duarte de Oliveira — *Delegado dos professores ordinários da mesma Faculdade.*
 Dr. Feliciano Augusto da Cunha Guimarães — *Secretário.*

*

Dr. Henrique Teixeira Bastos — *Director da Faculdade de Ciências.*
 Dr. Egas Ferreira Pinto Basto — *Delegado dos professores ordinários da mesma Faculdade.*
 Francisco Martins de Sousa Nazaré — *Secretário.*

*

Prof. Manuel José Fernandes Costa — *Director da Escola Superior de Farmácia.*
 Prof. Vicente José de Seíça — *Delegado dos professores ordinários da mesma Escola.*
 Prof. Vitor Henriques Aires Móra — *Secretário.*

*

Dr. Luciano António Pereira da Silva — *Director da Escola Normal Superior.*

Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação —
Delegado dos professores ordinários da Escola.
Dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos — *Secretário.*

Representantes dos antigos graduados — *Vago.*
Dr. Guilherme Alves Moreira — *Representante da Academia.*

CONSELHO ACADÉMICO

(Art. 14.º do Estatuto Universitário de 6 de Julho de 1918)

É constituído pelo Reitor, Vice-Reitor, Directores e Delegados das Faculdades e Escolas universitárias.

JUNTA ADMINISTRATIVA DA UNIVERSIDADE

(Art. 17 do Estatuto Universitário de 6 de Julho de 1918)

Presidente

O Reitor da Universidade.

Secretário

O da Universidade.

Vogais

Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos — *Director da Faculdade de Letras.*

Dr. Guilherme Alves Moreira — *Director da Faculdade de Direito.*

Dr. Luís Pereria da Costa — *Director da Faculdade de Medicina.*

Dr. Henrique Teixeira Bastos — *Director da Faculdade de Ciências.*

Prof. Manuel José Fernandes Costa — *Director da Escola Superior de Farmácia.*

Dr. Luciano António Pereira da Silva — *Director da Escola Normal Superior.*

REITORIA

(Telefone 64)

Reitor — Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral. +*Vice-Reitor* — vago.*Continuo* — Antonio Gomes Tinoco (do quadro dos Gerais) x*Porteiro* — Manuel Mendes Ferreira. +*Serventes*:

Tiotónio Lourenço.

Mariana da Conceição.

SECRETARIA GERAL

(Telefone 64)

Secretário Geral — Manuel da Silva Gaio, bacharel formado em Direito.*Oficial-maior* — José Maria de Oliveira e Sá.*1.º Oficial* — José Henriques de Sousa Sêco.*2.º Oficial* — José Maria Antunes.*3.º Oficial* — Alfredo Marques Manso.*1.º Amanuense* — Joaquim Marques dos Santos.*2.ºs Amanuenses*:

António Arsêne Antunes.

João Ramos.

Porteiro — Henrique Augusto de Oliveira.*Continuo* — Carlos Maria Mesquita.*Serventes*:

Eliseu da Silva.

Herculana de Jesus.

ARQUIVO DA UNIVERSIDADE

Director — Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, director e professor ordinário da Faculdade de Letras.

Amanuense — Henrique Augusto de Oliveira.

Servente — António Borges.

COFRE ACADÉMICO

Tesoureiro — António Justino da Costa.

GERAIS

Guarda-mór — António Augusto Marques Donato.

Contínuos ;

Antero Teixeira de Sousa Leite.

José Augusto Lopes de Almeida.

Cláudio Simões da Costa.

Manuel Ferreira.

(Há um lugar vago).

Guarda dos Archeiros :

António Marques.

António Maria Rasteiro.

António dos Reis.

Joaquim Ferreira Gázio.

Joaquim Lourenço Paixão.

António da Costa Madeira.

Martinho do Vale.

Manuel da Silva Feitor.

Américo Sarmento.

José Maria da Costa Guardado.

Manuel Joaquim Marques.

António da Costa Domingues.

Augusto Silva.

José Ferreira Caetano.

António Maria Correia Cardoso.

Tibério Pires Aldeia.

BIBLIOTECA

(Telefone 115)

Bibliotecário — Dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos, professor ordinário da Faculdade de Letras.

Conservadores :

José Marques Perdigão Donato.

José Ernesto Marques Donato.

Ajudante — Justiniano da Conceição Marques.

Contínuo — Gabriel da Cunha Santos.

Empregado na catalogação — Augusto Mendes Simões de Castro, bacharel formado em Direito.

Serventes :

Pedro dos Santos.

Ana da Conceição.

GERAIS

**PROFESSORES APOSENTADOS,
NA DISPONIBILIDADE
OU JULGADOS INCAPAZES DE SERVIÇO**

Professores aposentados

FACULDADE DE LETRAS :

Dr. Luís Maria da Silva Ramos, lente de prima da extinta faculdade de Teologia.

FACULDADE DE DIREITO :

Dr. José Pereira de Paiva Pita, lente catedrático.

FACULDADE DE MEDICINA :

Dr. Manuel da Costa Alemão, lente de prima.

Professores na disponibilidade

Dr. Bernardo Augusto de Madureira, lente da extinta Faculdade de Teologia.

Professores julgados incapazes de serviço

FACULDADE DE LETRAS:

Dr. Manuel de Azevedo Araújo e Gama.

FACULDADE DE DIREITO:

Dr. António Lopes Guimarães Pedrosa.

FACULDADE DE MEDICINA:

Dr. Francisco José da Silva Basto.

ESTABELECEMENTOS ANEXOS ÀS FACULDADES

FACULDADE DE LETRAS

Instituto de Estudos Históricos

Dirigido pelo Conselho do *Instituto de Estudos Históricos*, composto, sob a presidência do Director da Faculdade de Letras, dos directores das três secções do Instituto: 1.^a — de *Filologia*; 2.^a — de *História*; 3.^a — de *Filosofia*. (*Regulamento* de 19 de Agosto de 1911, art.ºs 29.º-48.º).

Director da 1.^a secção — Dr. Joaquim Mendes dos Remédios.

Director da 2.^a secção — Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos.

Director da 3.^a secção — Dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos.

Laboratório de psicologia experimental

(*Regulamento* de 19 de Agosto de 1911, art.ºs 49.º-51.º)

Director — Dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos.

Secretaria e Biblioteca

Official-chefe da Secretaria — Plínio de Abreu e Vasconcelos.

Amanuense da Secretaria — João Rodrigues Martins.

Conservador da Biblioteca — António Mercês.

Bedel — Francisco Lopes Lima de Macedo.

PESSOAL MENOR

Porteiro e guarda do edificio, chefe do pessoal menor — Abel Franco Colaço.

Contínuos:

Joaquim de Campos Calhau.

João de Melo.

Serventes:

António Pereira.

José Mendes Canhão.

FACULDADE DE DIREITO

Instituto Jurídico

1.ª Secção — **História do Direito e Legislação comparada**

Director — Dr. Manuel Paulo Merêa.

2.ª Secção — **Sciências económicas**

Director — Dr. António de Oliveira Salazar.

3.ª Secção — **Sciências políticas**

Director — Dr. Domingos Fezas Vidal.

4.ª Secção — **Sciências jurídicas**

Director —

Conselho do Instituto Jurídico

Presidente — O director da Faculdade.

Vogais — Os directores das secções.

Bibliotecário — Dr. Álvaro da Costa Machado Vilela.

FACULDADE DE MEDICINA

Hospitais da Universidade

(Enfermarias do antigo quadro. Clínicas da faculdade de Medicina. Quartos particulares. Laboratório de análises clínicas. Laboratório de radioscopia, radiografia e electroterapia).

DIRECÇÃO E SECRETARIA

(Telefones 71 e 585)

Director — Dr. João Duarte de Oliveira, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Director substituto — Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Chefe da Secretaria — B.^{el} Octaviano do Carmo e Sá.

1.º *Oficial* — B.^{el} Rui Henriques dos Santos.

Contabilista — Luís Machado Feliciano.

2.ºs *Oficiais*:
Mário Simões Pereira de Brito.
Álvaro Maria Ferreira.

1.ºs *Escriturários*:
João Baltazar Lopes.
Carlos Neves Mendes.

Dactilógrafa — Maria Helena Sales Lanes.

Tesoureiro — João Machado Feliciano.

Contínuo — Manuel Francisco de Alcântara.

Porteiro-servente — José de Oliveira.

Repartição de Admissão dos doentes

Chefe — José Maria Simões.

2.ºs *Escriturários*:
Carlos Costa.
Antonio Martins Velindro Júnior.

CONSELHO TECNICO

Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca, professor ordinário da Faculdade de Medicina, director de serviço clínico.
Dr. Elísio de Azevedo e Moura, professor ordinário da Faculdade de Medicina, director de serviço clínico.
Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa, professor ordinário da Faculdade de Medicina, director de serviço clínico.
Dr. Luís Pereira da Costa, professor ordinário da Faculdade de Medicina, director de serviços laboratoriais.

PESSOAL CLÍNICO

Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
Dr. Luís Pereira da Costa, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
Dr. Basílio Augusto Soares da Costa Freire, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
Dr. Daniel Ferreira de Matos, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
Dr. Lúcio Martins da Rocha, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
Dr. Adelino Vieira de Campos de Carvalho, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

- Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
 Dr. Elísio de Azevedo e Moura, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
 Dr. Álvaro de Almeida Matos, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
 Dr. João Emílio Raposo de Magalhães, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
 Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
 Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
 Dr. António Luís de Moraes Sarmiento, professor ordinário da Faculdade de Medicina.
 Dr. Fausto Lopo Patrício de Carvalho, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Assistentes das clínicas da Faculdade:

- Dr. Artur de Azevedo Leitão.
 Luís António Martins Raposo.
 Gilberto Veloso da Costa.
 José António Cid de Oliveira.
 Miguel Marcelino Ferreira de Moura.
 Adolfo Correia Soares.
 António Fernandes Ramalho.
 José Miguel Ladeiro.
 Francisco da Cruz Vieira e Brito.
 José Pinto Saavedra.
 Jerónimo Maria de Lacerda.

SERVIÇOS FARMACEUTICOS

Chefe dos serviços farmacêuticos — Francisco Maria Rêgo.

Sub-chefe (interino) — Antero dos Reis Gomes.

Assistentes (interinos):

- 5 Lisete Figueira.
 Carminda Chaves Maia.

2.º *Escriturário* — Fernando da Cruz Vasconcelos.

Rouparia e lavandaria

Chefe da rouparia — Francisco do Carmo e Sá.

2.º *Escriturário* — Eduardo Ferreira Arnaldo.

Despensa e cozinhas*Chefe da despensa* — Adriano Ferreira da Costa Brandão.2.º *Escriturário* — João Duarte Mendes.**Fiscalização e Policia hospitalar***Fiscal* — José Ferreira dos Santos.**Serviços de enfermagem***Enfermeiros-chefes:*

Manuel Duarte.

António dos Santos Apóstolo.

Enfermarias do antigo quadro**Enfermaria de Medicina geral**

(Antiga 2.ª enfermaria)

Director — Dr. Filomeno da Câmara Melo Cabral.**Enfermaria de doenças venéreas (mulheres)**

(Antiga 6.ª enfermaria)

Director — Dr. Luís Pereira da Costa.**Enfermarias de doenças infecto-contagiosas**

(Antigas 7.ª e 8.ª enfermarias)

Director — Dr. Basílio Augusto Soares da Costa Freire.**Clínicas da Faculdade de Medicina**

(Telefones 182 e 321)

Enfermeiras-chefes:

Cristina Augusta Júlia.

Olinda Augusta Júlia.

Emília Simões.

Serviços industriais*Chefe-maquinista* — Zeferino da Silva Soares.*Chefe-electricista* — Pedro de Assunção.*Chefe de obras* — Joaquim Maria Monteiro de Figueirêdo.2.º *Escriturário* — Albertino Coelho dos Santos.

Clinica e Policlínica médica

Director — Dr. Adelino Vieira de Campos de Carvalho.

Clinica médica e terapêutica geral

Director — Dr. Lúcio Martins da Rocha.

Clinica médica, patologia e terapêutica médicas

Director — Dr. António Luis de Moraes Sarmiento.

1.ª Clinica médica

Director — Dr. Elísio de Azevedo e Moura.

Clinica e Policlínica cirúrgicas

Director — Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca.

**Clinica cirúrgica e técnica operatória
e terapêutica cirúrgica**

Director — Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa.

Clinica cirúrgica, Patologia e terapêutica cirúrgica

Director — Dr. João Emilio Raposo de Magalhães.

Clinica Dr. Daniel de Matos (obstétrica)

(Avenida do Jardim Botânico — Telefone 321)

Director — Dr. Daniel Ferreira de Matos.

Director, interino — Dr. Álvaro de Almeida Matos.

Clinica neurológica

Director — Dr. Elísio de Azevedo e Moura.

Clinica oftalmológica

Director — Dr. Álvaro de Almeida Matos.

Clinica urológica

Director — Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca.

Clinica de dermatologia e sifilografia

Director — Dr. Alberto Moreira da Rocha Brito.

Clinica pediátrica

Director — Dr. Elísio de Azevedo e Moura.

Clinica ginecológica

Director — Álvaro de Almeida Matos.

Director (interino) — Dr. Daniel Ferreira de Matos.

Quartos particulares

(Rua Dr. Costa Simões e Avenida do Jardim Botânico)

O serviço clínico dos quartos particulares dos Hospitais da Universidade é dirigido pelos professores das clínicas da Faculdade de Medicina.

Escola de enfermagem

Professores:

Dr. Adelino Vieira de Campos de Carvalho.

Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa.

Inspector Bromatológico — Dr. Lúcio Martins da Rocha.

Laboratório de análises clínicas

(Hospitais da Universidade)

Director — Dr. Adelino Vieira de Campos de Carvalho, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Preparador contratado — Dr. João Marques dos Santos, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Laboratório de radioscopia, radiografia e electroterapia

(Hospitais da Universidade)

Director — Dr. Elísio de Azevedo e Moura, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Assistente — B.^o José Rodrigues d'Oliveira, 2.^o assistente da 8.^a classe.

Laboratório de técnica cirúrgica

(Largo Marquês de Pombal)

Director — Dr. Fernando Baeta Bissaia Barreto Rosa, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Maternidade de Coimbra

(Rua Olímpio Nicolau Rui Fernandes — Telefone n.º 1)

Serviços de Assistência, de Hospício e de Lactário

COMISSÃO ADMINISTRATIVA

Presidente — Dr. Luís dos Santos Viégas, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Presidente substituto — Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca, administrador substituto dos Hospitais da Universidade.

Vogais efectivos da Comissão:

Dr. Basílio Augusto Soares da Costa Freire.
Dr. João Duarte de Oliveira.

Vogais substitutos da Comissão:

Dr. João Serras e Silva.
Dr. Lúcio Martins da Rocha.

Director da Maternidade — Dr. Daniel Ferreira de Matos.

» » » (interino) — Dr. Álvaro de Almeida Matos.

Adjunto ao Director — José António de Sousa Nazaré, bacharel formado em Medicina.

Clínicos da Maternidade:

B.^{el} Álvaro Fernando de Novais e Sousa.
B.^{el} Fausto Lopo Patrício de Carvalho.

Oficial — B.^{el} Manuel dos Santos Madeira.

Amanuense — Augusto Leonardo de Carvalho.

Regente da secção hospicial — Miquelina de Faria Pimentel.

Regente dos Serviços de Assistência e de Lactário — Helena Ramalho.

Tesoureiro — João Machado Feliciano.

Laboratório de anatomia descritiva e topográfica

(Largo Marquês de Pombal)

Director — Dr. Basílio Augusto Soares da Costa Freire, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

1.º *Assistente* — Joaquim Martins Teixeira de Carvalho, doutor em Medicina.

2.º *Assistente* — Vago.

Laboratório de histologia e embriologia

(Avenida do Jardim Botânico — Telefone 223)

Director — Dr. João Duarte de Oliveira, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

2.º *Assistente* — José António de Sousa Nazaré, bacharel formado em Medicina.

Laboratório de fisiologia

(Avenida do Jardim Botânico — Telefone 223)

Director — Dr. Filomeno da Câmara Melo e Cabral, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

2.º *Assistente* — Vago.

Laboratório de farmacologia

(Rua do Dr. Costa Simões)

Director — Dr. Lúcio Martins da Rocha, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

1.º *Assistente* — Vago.

Instituto de Anatomia Patológica

(Largo do Marquês de Pombal)

Director — Dr. Luís dos Santos Viegas, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

1.º *Assistente* — Vago.

Chefe dos trabalhos — Dr. João Marques dos Santos, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

2.ªs Assistentes :

Francisco de Freitas Cardoso e Costa, bacharel formado em Medicina.
José Bacalhau.

1.º Conservador — B.ºl Júlio Vieira de Figueiredo Fonseca.

Preparador — Mário Mendes.

Ajudante de preparador — Álvaro de Almeida Santos.

Serventes :

José de Campos Lobo.
Cipriano de Campos Lobo.
Anibal de Jesus Cardoso.

Instituto de Medicina Legal

(Largo do Marquês de Pombal)

Director — Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

1.º Assistente — B.ºl Alberto Cupertino Pessoa, 1.º assistente da 4.ª classe da Faculdade de Medicina.

2.ªs Assistentes :

B.ºl Mário Martins Ribeiro.
B.ºl Custódio de Almeida Henriques.

Pessoal do Instituto de Medicina Legal

(Decreto n.º 5023 de 29 de Novembro de 1918)

Director — Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro.

Chefes de serviço :

Dr. João Marques dos Santos.
B.ºl Mário Martins Ribeiro.

Médico-antropologista — Dr. Alberto Cupertino Pessoa.

Químico-analista — José da Silva Santos.

2.ªs Assistentes :

B.ºl Custódio de Almeida Henriques
B.ºl Mário Mendes.

Preparadores :

Raimundo Fernandes.
Hortêncio Ribeiro dos Santos.

- 12) *Enfermeira* — Mariana Dias.
- Secretário* — B.^{el} Custódio de Almeida Henriques.
- Oficial da secretaria* — Alberto Homem Pinto da Costa Cabral.
- Dactilógrafo* — José Dias dos Santos Jorge Júnior.
- Amanuense* — António Soares.
- Contínuo* — Alfredo da Cruz.
- Serventes do Necrotério* :
 José Dias dos Santos Jorge.
 João dos Reis.
- Serventes* :
 Manuel Ferreira Lima.
 António Martins Velindro.
 João António Faria.
- Fotógrafo-desenhador* — Vago.

Conselho de Medicina Legal

- Presidente* — Dr. Daniel Ferreira de Matos.
- Secretário e vogal* — Dr. José Beleza dos Santos.
- Vogais* :
 Dr. Luís Pereira da Costa.
 Dr. Adelino Vieira de Campos de Carvalho.
 Dr. Angelo Rodrigues da Fonseca.
 Dr. Luís dos Santos Viegas.
 Dr. Elísio de Azevedo e Moura.
 Dr. Fernando Duarte Siva de Almeida Ribeiro.
 Dr. Álvaro José da Silva Basto.
 Dr. Egas Ferreira Pinto Basto.
 Dr. João Marques dos Santos.
 B.^{el} Victor Henriques Aires Mora

Curso Superior de Medicina Legal

- Professor de Psiquiatria* — Dr. Elísio de Moura.
- Professor de Clínica Médico-Legal* — B.^{el} Mário Ribeiro.
- Professor de Direito Penal* — Dr. José Beleza dos Santos.

Professor de Medicina Legal — Dr. Fernando Duarte Silva de Almeida Ribeiro.

Professor de Tanatologia e Acidentes do Trabalho — Dr. João Marques dos Santos.

Professor de Jurisprudência — Dr. Lúcio Martins da Rocha.

Professor de Toxicologia — B.^{el} Victor Henriques Aires Mora.

Professor de Antropologia Criminal — B.^{el} Alberto Cupertino Pessoa.

Laboratório de Bacteriologia e Química biológica

(Largo Marquês de Pombal — Telefone 116)

Director — Dr. Luís Pereira da Costa, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

1.º Assistente — Vago

2.º Assistente e Chefe de trabalho — B.^{el} Afonso Augusto Pinto.

Analista — José da Silva Lopes.

Preparador — José Francisco Fernandes.

Servente — Benjamim Marques dos Santos Júnior.

Instituto de Higiene

(Rua Ferrer Telefone 95)

Director — Dr. João Serras e Silva, professor ordinário da Faculdade de Medicina.

Assistente — Vergílio Joaquim de Aguiar.

Analista — B.^{el} Afonso Augusto Pinto.

Servente — Afonso Martins da Fonseca Viegas.

FACULDADE DE SCIENCIAS

1.^a SECÇÃO

Observatório astronómico

Director — João José Dantas Souto Rodrigues.

1.^o *Astrónomo* — Dr. Francisco Miranda da Costa Lobo, professor de astronomia.

2.^a *Astrónomo* — Dr. Luciano António Pereira da Silva, professor de mecânica celeste.

3.^o *Astrónomo* — Vago.

Guarda-maquinista — Vago.

Praticante de maquinista — Alfredo Pessoa.

Porteiro — Jorge Alves.

2.^a SECÇÃO

Observatório meteorológico e magnético

Director — Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, professor ordinário da Faculdade de Ciências.

Observador-chefe — Armando Perestrelo Botelho.

Observadores :

Adriano de Jesus Lopes.

B.^o Artur Dias Pratas.

Ajudantes :

Joaquim Gomes Paredes.

Saul Marques Perdigão Donato.

Guarda — Humberto Pereira da Cruz.

Servente — Álvaro José Adriano.

Laboratório Químico

Director — Dr. Álvaro José da Silva Basto, professor ordinário da Faculdade de Ciências.

1.^o *Assistente* — B.^o Mário Goulart Barbosa.

2.^{os} *Assistentes* :

B.^ol João Francisco Cavaco.
José da Silva Santos.

Laboratório de Física

Director — Dr. Henrique Teixeira Bastos, professor ordinário e Director da Faculdade Ciências.

Preparador-conservador — Vago.

Preparadores :

António Ferreira.
Vago.

2.^o *Assistente* — António Augusto Riley da Mota.

Guarda — Fernando Esteves Viseu.

3.^a SECÇÃO**Jardim, Museu e Laboratório botânicos**

Director — Dr. Luis Wittnich Carrisso, professor ordinário da Faculdade de Ciências.

Naturalista adjunto — Dr. Júlio Augusto Henriques.

Jardineiro-chefe — Vago.

Jardineiro-ajudante — Joaquim dos Santos Pires.

Jardineiros auxiliares :

António Marques.
Manuel António.
Augusto Gonçalves.
Augusto Lopes.
António dos Santos Pires.
Constantino Pedro.

Herborizador — Manuel Ferreira.

Museu e Laboratório zoológicos

Director — Dr. Bernardo Aires, professor ordinário da Faculdade de Ciências.

Naturalista adjunto — Horácio Paulo Menano, bacharel em Filosofia e Medicina.

Conservador e preparador — António Duarte.

Servente — Rogério Nogueira de Carvalho.

Museu e Laboratório mineralógicos

Director — Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, professor ordinário da Faculdade de Ciências.

Assistente —

Conservador — José Vitorino Baptista dos Santos.

Museu e Laboratório geológicos

Director — Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, professor ordinário da Faculdade de Ciências.

1.º Assistente — B.^{el} Miguel Marcelino Ferreira de Moura.

Praticante — António Duarte Guimarães.

Museu e Laboratório antropológicos

Director — Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação, professor ordinário da Faculdade de Ciências.

1.º Assistente — Dr. João Gualberto de Barros e Cunha.

Conservador — José António Domingos dos Santos.

Servente — Alfredo Borges.

ESCOLA SUPERIOR DE FARMÁCIA

1.ª SECÇÃO

Laboratório Químico

Director — B.^{el} José Cipriano Rodrigues Denis, professor ordinário da Escola.

Assistentes :

António de Jesus Pita.

José da Silva Santos.

Servente — António Simões Henriques.

Laboratório de Bromatologia

Director — Manuel José Fernandes Costa, professor ordinário e director da Escola.

Assistente — Guilherme de Barros e Cunha.

Servente — Joaquim Bento de Oliveira Costa.

2.^a SECÇÃO

Laboratório de História Natural

Director — Manuel José Fernandes Costa, professor ordinário e director da Escola.

Assistentes :

B.^{el} José Colaço Alves Sobral.

António de Jesus Pita.

António Lopes Rodrigues.

Servente — Joaquim Bento de Oliveira.

Horto botânico

Director — Manuel José Fernandes Costa, professor ordinário e director da Escola.

Laboratório de Bacteriologia

Director — Dr. Luís Pereira da Costa, professor contratado da Escola.

Assistente — António Lopes Rodrigues.

Serventes :

Constantino Simões.

Guilherme José.

3.^a SECÇÃO

Laboratório de farmácia galénica e esterilizações

Director — Vicente José de Seiça, professor ordinário da Escola.

Assistente — Victor da Silva Feitor.

Serventes :

Constantino Simões.

Guilherme José.

4.^a SECÇÃO

Biblioteca

Director — B.^{el} José Cipriano Rodrigues Denis, professor ordinário da Escola.

Secretaria

Oficial — B.^{el} Mário José dos Santos.

Amanuense —

MUSEU MACHADO DE CASTRO

Cadeira de estética e história da arte

Professor — Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho.

ASSOCIAÇÃO ACADÉMICA

Presidente — Augusto da Fonseca.

Secretário — António Silvío Pêlico.

Tesoureiro — Pompeu de Melo Cardoso.

Vogais . . . { Avelino Manuel da Silva.
Antero Moutinho.
José Luciano de Vilhena Pereira.

SOCIEDADE FILANTRÓPICA-ACADÉMICA

Presidente honorário — Dr. Júlio Augusto Henriques.

efectivo — Dr. Luís Wittnich Carrisso.

Secretário — B.^o Elias Luís de Aguiar.

Tesoureiro — António Augusto Macedo Malheiro.

ORFEÃO ACADÉMICO

Director — B.^o Elias Luís de Aguiar.

CAMPO DE JOGOS

Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação.

Dr. José Alberto dos Reis.

Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães.

Dr. Egas Ferreira Pinto Basto.

Dr. José Gabriel Pinto Coelho.

Joaquim de Araujo Moreira (da Associação Académica).

MUSEU MARIANO CASTRO

(Telefone 137)

Administração

Administrador — Dr. Joaquim Martins Teixeira de Carvalho.*Secretário-revisor* — Vago.*Amanuense* — Adriano do Nascimento.*Tesoureiro e Fiel* — Guilherme de Albuquerque.

Revisão

Revisor-ajudante (interino) — Vago.

Serviço geral

Alçador — Joaquim dos Santos Jácome.*Porteiro e contínuo* — Alexandre Maria Pera.

Oficina de composição

Director das oficinas (interino) — Cândido Augusto Nazaré.*Compositores:*

Albertino Gonçalves.

António da Silva Rocha.

Joaquim Maria Mesquita.

Adelino Víriato da Costa e Almeida.

José Maria Rodrigues.

Júlio de Andrade Correia.

Teodolindo Ventura da Trindade.

Augusto Teixeira de Sá.

Manuel de Almeida.

Francisco Mendes Alcântara.

Guilherme de Moura Vieira.

Alfredo dos Santos Fonseca.

Emérico Maria Bento.

Joaquim Dias Raimundo.

Joaquim do Amaral.

Alberto Pereira da Mota.

Henrique Lopes da Fonseca (*extraordinário*).Raul Ribeiro dos Santos (*extraordinário*).José Pereira da Mota (*extraordinário*).Sebastião Mendes Garcia (*extraordinário*).

Escola de composição

Mestre (interino) — José Alves dos Santos.

Aprendizes :

António Ferreira Augusto.
Artur Ribeiro.
Fausto Pinto de Magalhães.
Norberto Pereira dos Anjos.
Carlos da Silva Costa (*extraordinário*).
António Ribeiro (*extraordinário*).

Oficina de impressão

Chefe (interino) — António Borges de Melo.

Impressores :

Manuel Martins.
Francisco Tavares de Oliveira.
João de Assunção Gouveia.
Carlos Ribeiro.
Paulo Dias Raimundo.
David da Fonseca Mesquita e Sola (*extraordinário*).
José Teixeira de Sá (*extraordinário*).

Escola de impressão

Mestre — O chefe da oficina.

Aprendiz — Vago.

INFORMAÇÕES RELATIVAS À MATRÍCULA E INSCRIÇÕES

Das aulas nos Cursos Facultades,
Escola Superior de Letras e Escola Normal Superior

Informações gerais

A matrícula e inscrições são obrigatórias em todas as aulas de todos os cursos de graduação e de pós-graduação, sendo obrigatório para os alunos a apresentação de documento de identidade e de residência.

INFORMAÇÕES RELATIVAS À MATRÍCULA E INSCRIÇÕES

As inscrições dos estudantes são feitas nos cursos de graduação e de pós-graduação, sendo obrigatório para os alunos a apresentação de documento de identidade e de residência.

A matrícula, nos cursos de graduação e de pós-graduação, é feita pessoalmente pelos alunos.

Inscrições

FACULDADE DE LETRAS

Regulamento de 1954, de 15 de Junho de 1954

Para a matrícula e a primeira inscrição na Faculdade de Letras, além de identidade e de residência, são necessários os documentos seguintes:

1.º Certificado de notas;

2.º Certificado de aprovação no exame de admissão do Curso de Licenciatura de Letras das Letras ou de documento de habilitação que lhe seja equivalente;

3.º Certificado de vacinas.

4.º Para a matrícula nos cursos de graduação, além do certificado de aprovação no exame de admissão do curso, são necessários os documentos seguintes:

INFORMAÇÕES
RELATIVAS A MATRÍCULA
E INSCRIÇÕES

INFORMAÇÕES RELATIVAS À MATRÍCULA E INSCRIÇÕES

Dos alunos das diversas Faculdades,
Escola Superior de Farmácia e Escola Normal Superior

Indicações gerais

A matrícula e inscrições são requeridas ao Reitor, devendo os requerimentos dar entrada na Secretaria Geral da Universidade nos prazos estabelecidos pelas Faculdades e Escolas universitárias.

E' obrigado ao pagamento duma propina de 5\$ escudos todo o individuo que pela primeira vez requeira admissão a qualquer disciplina, cadeira ou curso das Faculdades ou Escolas Universitárias.

As assinaturas dos requerimentos têm de ser reconhecidas por notário de Coimbra, bem como os documentos que os acompanhem, quando estes não tragam o selo branco das respectivas repartições.

A assinatura nos termos de matrícula e inscrições será feita pessoalmente pelos alunos.

Inscrições

FACULDADE DE LETRAS

(Decreto com força de lei de 9 de Maio de 1911 e Decreto n.º 4651 de 14 de Julho de 1918)

Para a admissão à primeira inscrição na Faculdade de Letras terão os interessados de instruir os requerimentos com os documentos seguintes:

- 1.º Certidão de idade;
- 2.º Certidão de aprovação no exame de saída do Curso complementar de Letras dos Liceus ou documento de habilitação que lhe seja legalmente equiparado;
- 3.º Certificado de vacina.

4.º a) Para a inscrição na secção de filologia clássica: certidão de aprovação num exame elementar de grego, feito na Faculdade — em harmonia com o disposto no § 4.º do art. 142.º do Regulamento de 19 de Agosto de 1911.

Propinas de inscrição em cada ano lectivo

Além dos emolumentos estabelecidos por lei, os alunos pagarão :

Por cada cadeira ou curso anual..... 10\$

semestral..... 5\$

FACULDADE DE MEDICINA

(Decreto n.º 4:647 de 13 de Julho de 1918)

Para a admissão à primeira inscrição na Faculdade de Medicina terão os interessados de instruir os seus requerimentos com a certidão do exame de admissão à Faculdade, nos termos do art. 4.º, condição 1.ª do decreto n.º 4:652.

Para a inscrição nos subseqüentes anos lectivos apresentarão os interessados certidão de aprovação ou prova equivalente de aproveitamento em todas as disciplinas do ano anterior.

Além dos emolumentos estabelecidos por lei, das indenizações especiais por cada curso e de um direito anual de Bibliotéca, os alunos pagarão anualmente a propina de 60\$, dividida em três prestações :

1.ª, de 15 a 30 de Setembro ;

2.ª, de 1 a 15 de Dezembro ;

3.ª, de 1 a 15 de Março.

Devem os requerimentos dar entrada na Secretaria Geral da Universidade de 15 a 30 de Setembro.

FACULDADE DE SCIENCIAS

(Decreto n.º 4:647 de 13 de Julho de 1918)

Para a admissão à primeira inscrição na Faculdade de Ciências terão os interessados de instruir os seus requerimentos com os documentos seguintes :

1.º Certidão de idade ;

2.º Certidão em que provem haver concluído o Curso complementar de Ciências dos Liceus, ou documento de habilitação que lhe seja legalmente equiparado ;

3.º Certificado de vacina ;

4.º Certificado de registo criminal para os que se destinem à Faculdade de Medicina.

Para a inscrição nos subseqüentes anos e semestres lectivos apresentarão os interessados certidão de havêrem frequentado qualquer cadeira ou curso da Faculdade.

Propinas de inscrição em cada ano lectivo

Além dos emolumentos estabelecidos por lei, os alunos pagarão :

a) Na 1.^a secção (sciências matemáticas):

Por cada cadeira ou curso anual.....	15\$
» » » » » semestral ...	7\$50

b) Nas 2.^a e 3.^a secções (sciências fisico-químicas e histórico-naturais):

Por cada cadeira ou curso anual.....	20\$
» » » » » semestral.....	10\$

Aos alunos das 2.^a e 3.^a secções da Faculdade de Ciências será exigida — para trabalhos práticos — por cada cadeira ou curso uma propina na importância de 3\$ esc., sendo pagos: 1\$50 cent. no acto da abertura e 1\$50 cent. no acto de encerramento; com excepção das cadeiras de *análise química*, por cada uma das quais pagarão 2\$50 cent. no acto da abertura.

ESCOLA SUPERIOR DE FARMÁCIA

(Decreto n.º 4:653 de 14 de julho de 1918)

Para a admissão à primeira inscrição na Escola Superior de Farmácia terão os interessados de instruir os seus requerimentos com os documentos seguintes :

- 1.º Certidão de idade;
- 2.º Certificado do registo criminal;
- 3.º Certidão em que provem haver concluído o Curso complementar de Ciências dos Liceus, documento de habilitação que lhe seja legalmente equiparado ou certidões nos termos do art. 9.º do Decreto n.º 4:653.

Para a inscrição nos subseqüentes anos e semestres lectivos apresentarão os interessados certidão de haverem frequentado com aproveitamento os anos anteriores.

Prazos :

Para a 1.^a inscrição — de 1 a 10 de Outubro.

Para a 2.^a inscrição — de 18 a 28 de Fevereiro.

5\$78,5 cent. na abertura e 5\$78,5 cent. no encerramento da inscrição — por cadeira ou curso anual;
e 5\$78,5 cent. na abertura da inscrição de cada cadeira ou curso semestral.

NOTA. — Aos alunos de Medicina será exigida — para trabalhos práticos — por cada ano do curso uma propina na importância de 9\$ esc., sendo pagos: 4\$50 cent. no acto da abertura da inscrição, e 4\$50 cent. no acto do encerramento.

Os alunos de Ciências pagarão por cada uma das cadeiras de Desenho, na abertura e no encerramento, a propina de 2\$89. Ser-lhes-ha exigida a propina de prática de 3\$—1\$50 na abertura e 1\$50 no encerramento — em cada uma das cadeiras; com excepção das cadeiras de análise química (qualitativa e quantitativa), em cada uma das quais terão de pagar, por semestre, no acto da respectiva inscrição, a importância de 2\$50.

Para os *novos períodos transitórios* das Faculdades de Direito e de Medicina, vidé os respectivos *Editais*.

RELAÇÃO

Alunas que concluíram curso
nas diferentes Faculdades e Escolas
no ano lectivo de 1918-1919

FACULDADE DE LETRAS

LEONCIATINA

Seção de Biologia feminina

Rafaela Alice de Azevedo, filha de Luiz Augusto de Azevedo
natural de Lisboa.

— Maria Antónia de Azevedo, filha de António de Azevedo
natural de Lisboa.

MOVIMENTO ACADÉMICO

NO ANO LECTIVO DE 1918-1919

António Maria Alves, filho de Bernardino Alves de Almeida
natural de Lisboa.

— Eulália Figueira, filha de Luiz Figueira de Almeida
natural de Lisboa.

— Eulália Figueira, filha de Luiz Figueira de Almeida
natural de Lisboa.

— João Francisco dos Santos, filho de António dos Santos
natural de Lisboa.

— Maria Margarida, filha de Domingos de Almeida
natural de Lisboa.

— Maria de Almeida Mendes, filha de António Mendes de Almeida
natural de Lisboa.

Seção de Ciências Naturais e Exactas

— João Rodrigues de Silva Costa, filho de João Vitorino Costa
natural de Coimbra.

— Amélia de Silva Soares, filha de Leopoldo de Silva Soares
natural de Lisboa.

— Roberto Vaz de Oliveira, filho de António Vaz de Oliveira
natural de Faro.

... ..

... ..

... ..

... ..

MOVIMENTO ACADÊMICO
NO ANO LECTIVO DE 1818 1819



RELAÇÃO

DOS

Alunos que concluíram curso
nas diferentes Faculdades e Escolas.
no ano lectivo de 1918-1919

FACULDADE DE LETRAS

LICENCIATURA

Secção de filologia românica

Branca Alice de Azevedo, filha de Luís Gomes de Azevedo,
natural de Lisboa.

— Maria Margarida Pinto Coelho, filha de Joaquim Pinto Coelho,
natural de Paranhos, distrito do Pôrto.

Secção de filologia germânica

António Maia Aroso, filho de Bernardino Moreira da Silva
Aroso, natural da freguesia de Moreira, concelho de Maia,
distrito do Pôrto.

Elisa Figueira, filha de Luís Nunes de Campos Figueira,
natural de Lisboa.

Ema Olinda da Silva Ladeiro, filha de Joaquim Bento Ladeiro,
natural de Coimbra.

José Francisco dos Santos, filho de Manuel Marcelino dos
Santos, natural de Freixo de Espada-à-Cinta, distrito de
Bragança.

Júlio Machado, filho de Domingos José Machado, natural de
Capeludos, concelho de Vila Pouca de Aguiar, distrito
de Vila Rial.

Mário de Almeida Andrade, filho de António Martins de
Almeida Andrade, natural de Fundões, concelho de Man-
gualde, distrito de Viseu.

Secção de sciências históricas e geográficas

João Rodrigues da Silva Couto, filho de João Vieira Couto,
natural de Coimbra.

Manuel da Silva Ramos, filho de Leandro da Silva Ramos,
natural de Fuzeta, concelho de Olhão, distrito de Faro.

Roberto Vaz de Oliveira, filho de Eduardo Vaz de Oliveira,
natural da Feira, distrito de Aveiro.

Secção de filosofia

Fernando Gomes Mota, filho de Manuel Gomes Cárdua, natural de Freixinho, concelho de Sernancelhe, distrito de Viseu.

FACULDADE DE DIREITO

NOVA REFORMA

LICENCIATURA

- Agostinho de Mesquita, filho de Carlos Maria Mesquita, natural de Coimbra.
- Alberto Cardoso Delgado, filho de Manuel José Delgado, natural de Cardigos, concelho de Mação, distrito de Santarém.
- Alexandre de Lucena e Vale, filho de Abel do Vale, natural de Viseu.
- Alfredo Vieira Matoso, filho de Alfredo de Moura Matoso, natural de Casais do Campo, distrito de Coimbra.
- Álvaro da Costa Menano, filho de João Evangelista da Costa Menano, natural de Fornos de Algodres, distrito da Guarda.
- Álvaro Pinheiro de Almeida, filho de João Pinheiro de Almeida, natural de Pinheiro de Lafões, concelho de Oliveira de Frades, distrito de Viseu.
- Anibal de Matos Viégas e Costa, filho de Germão Rodrigues da Costa, natural de S. João de Areias, distrito de Viseu.
- Antero Amândio Chaves de Oliveira Pereira, filho de Manuel Pereira, natural de Moncorvo, distrito de Bragança.
- António de Almeida Estêves, filho de José de Almeida Estêves, natural de Abravezes, distrito de Viseu.
- António Baptista Neiva, filho de Manuel Baptista Neiva, natural da freguesia de Balugães, concelho de Barcelos, distrito de Braga.
- António Barreiros Cardoso, filho de António da Costa Cardoso, natural de Fundo de Vila, concelho de Penalva do Castelo, distrito de Viseu.
- António Caetano Figueira, filho de Bernardino Cardôso Figueira, natural de Tondela, distrito de Viseu.
- António da Cunha Matos, filho de Joaquim Pereira de Matos Cunha, natural de Santa Maria, concelho de Manteigas, distrito da Guarda.
- António Ernesto Maria da Fonseca, filho de António Luís da Fonseca, natural do Pôrto.
- António Gonçalves Matoso, filho de José Gonçalves Jacinto, natural de Vila Cova de Sub-Avô, concelho de Arganil, distrito de Coimbra.

- António Henrique Pinto de Vasconcelos, filho de Henrique António Pinto de Vasconcelos, natural de Freamunde, concelho de Paços de Ferreira, distrito do Porto.
- António Julio Figueirêdo Pinheiro de Figueirêdo Betencourt, filho de João Maria Pinheiro de Betencourt, natural de Angra do Heroísmo.
- António Luís de Castro Moreira, filho de Francisco José Ferreira de Castro, natural de Bragança.
- António Luís dos Reis Ribeiro, filho de José Gaudêncio Ribeiro, natural da freguesia do Mosteiro, concelho de Vieira, distrito de Braga.
- António Manuel Pereira, filho de Júlio Manuel Pereira, natural de Alfândega da Fé, distrito de Bragança.
- António Rodrigues Soares, filho de José Rodrigues Soares, natural de Mafra, distrito de Lisboa.
- António Tavares da Silva Júnior, filho de António Tavares da Silva, natural de Travassô, concelho de Agueda, distrito de Aveiro.
- Armando Pereira, filho de Henrique José Pereira, natural de Cela, concelho de Alcobaça, districto de Leiria.
- Augusto Aureliano Brochado Coutinho, filho de Caetano Pereira Coutinho, natural de S. Nicolau, concelho de Marco de Canavezes, distrito do Pôrto.
- Augusto Maria Lopes da Cunha, filho de José Maria Lopes da Cunha, natural de Murtosa, concelho de Estarreja, distrito de Aveiro.
- Augusto Moreira Teixeira de Barros, filho de Augusto José Coêlho de Barros, natural da freguesia de Besteiros, concelho de Paredes, districto do Pôrto.
- Benjamim Guilherme Hall, filho de José Guilherme Hall, natural de Coimbra.
- Bento Serafim Coêlho da Rocha, filho de Lúcio Martins da Rocha, natural de Caminha, distrito de Viana do Castelo.
- Carlos Henrique da Silva e Sousa, filho de Henrique Carlos da Silva e Sousa, natural do Pôrto.
- Celestino Estêves de Almeida, filho de António Estêves de Almeida, natural do Casal do Chapéu, distrito de Viseu.
- Eduardo Coelho Martins de Almeida, filho de Manuel Martins de Almeida, natural da freguesia de Santa Clara do Torrão, concelho de Penafiel, distrito do Pôrto.
- Ernesto de Castro Leal, filho de Saturnino de Barros Leal, natural de Póvoa de Varzim, distrito do Pôrto.
- Fernando Soares Teixeira de Abreu, filho de António José Teixeira de Abreu, natural de Fundo de Vila, concelho de Carregal do Sal, distrito de Viseu.
- Francisco Xavier de Meireles, filho de Francisco de Meireles Pereira Leite Teixeira Coelho, natural de Celorico de Basto, distrito de Braga.
- Gentil Guedes Gomes, filho de Joaquim Pereira Gomes, natural de Lamêgo, distrito de Viseu.

- Guilherme Luizelo Alves Moreira, filho de Guilherme Alves Moreira, natural de Coimbra.
- Henrique Carlos da Silva e Sousa Filho, filho de Henrique Carlos da Silva e Sousa, natural do Pôrto.
- Jacinto Carreiro, filho de João Jacinto Carreiro, natural de Ponta Delgada.
- Jacinto Gago da Câmara, filho de João Severino Gago da Câmara, natural da Vila do Pôrto, distrito de Ponta Delgada.
- Jerónimo Marlins da Rocha, filho de Álvaro da Costa Rocha, natural de Guimarães, distrito de Braga.
- João Alves Pereira, filho de Dionísio Alves Pereira, natural de Avintes, distrito do Pôrto.
- João Elisiário Gomes da Costa, filho de João Manuel da Costa Peres, natural de Águeda, distrito de Aveiro.
- João Leite Correia dos Reis, filho de Alexandre Correia dos Reis, natural de S. Pedro de Torrades, concelho de Felgueiras, districto do Pôrto.
- João Luís Augusto das Neves, filho de Miquelina de Jesus, natural de S. Pedro das Aradas, distrito de Aveiro.
- João Macedo, filho de Joaquim António Macedo, natural de Coimbra.
- Joaquim Dias Loução, filho de José Dias Loução, natural de Alpalhão, concelho de Niza, distrito de Portalegre.
- Joaquim José Guimarães Calejo, filho de Francisco Joaquim Calejo, natural do Pôrto.
- José Alexandre Caldas Frazão, filho de António Joaquim Crespo Frazão, natural de Santarém.
- José Alves Pais, filho de António Alves, natural de Anseriz, concelho de Arganil, distrito de Coimbra.
- José Gualberto Chaves Marques de Sá Cardoso, filho de Joaquim Gualberto de Sá Carneiro, natural de Barcelinhos, concelho de Barcelos, distrito de Braga.
- José Guedes Sarmiento de Vasconcelos, filho de Pedro Guedes de Gouveia Osório de Vasconcelos, natural de Paradinha, concelho de Moimenta da Beira, distrito de Viseu.
- José Henrique de Azevedo Perdigão, filho de José Perdigão, natural de Viseu.
- José Joaquim dos Santos Pecegueiro, filho de Joaquim da Cunha Leal Pecegueiro, natural do Pôrto.
- José Nicolau Sobrinho, filho de José Ligório Sobrinho, natural de Lontulim, concelho de Salsete (Índia Portuguesa).
- José Rodrigues de Sá e Abreu, filho de António Rodrigues de Sá e Abreu, natural de Requião, concelho de Famalicão, distrito de Braga.
- José Simões Figueirinhas, filho de Lino Simões Ferreira Figueirinhas, natural de Cambra, concelho de Vouzela, distrito de Viseu.
- Manuel Cerqueira Couto, filho de João Manuel do Couto, natural de Cinde de Vila Verde, concelho de Ponte da Barca, distrito de Viana do Castelo.

- Manuel Lourenço Vasco, filho de Francisco Lourenço Vasco, natural de Nave de Haver, concelho de Almeida, distrito da Guarda.
- Manuel Rodrigues Júnior, filho de Manuel Rodrigues, natural de Bemposta, concelho de Abrantes, distrito de Santarém.
- Mário Pais de Sousa, filho de José Pais de Sousa, natural natural de Santa Comba-Dão, distrito de Viseu.
- Paulo do Nascimento Fernandes Alves, filho de Paulo José Fernandes Alves, natural do Porto.
- Rafael da Silva Neves Duque, filho de João da Silva Duque, natural da Mata, concelho de Torres Novas, distrito de Santarém.
- Roberto Vaz de Oliveira, filho de Eduardo Vaz de Oliveira, natural da Feira, distrito de Aveiro.
- Rui de Moraes da Cunha e Costa, filho de José Soares da Cunha e Costa, natural de Aveiro.

PERÍODO TRANSITÓRIO

- Albano Mário da Rocha, filho de Francisco Rodrigues Pinto da Rocha Junior, natural de Mossamedes. — Suficiente, com 12 valores.
- Alberto Souto, filho de Manuel Germão Simões Ratóla, natural de S. Pedro das Aradas, distrito de Aveiro. — Bom, com 15 valores.
- Arnaldo Palermo de Mendonça, filho de Joaquim António de Mendonça, natural de Santo Estêvam, concelho de Tavira, distrito de Faro. — Suficiente, com 11 valores.
- Carlos Guilherme Pereira Machado Castro, filho de José Luis Fernandes de Castro Júnior, natural do Pôrto. — Suficiente, com 13 valores.
- Carlos Martins, filho de José Martins, natural de Proença-a-Nova, distrito de Castelo Branco. — Bom, com 15 valores.
- João Luis Botelho da Câmara, filho de João Luis da Câmara, natural de S. Miguel (Açôres). — Suficiente, com 12 valores.
- José de Abreu Feio Soares de Azevêdo, filho de João Feio Soares de Azevêdo, natural de Braga. — Suficiente, com 11 valores.
- Manuel António Teixeira, filho de José Marcelino Teixeira, natural de Freixo de Espada-à-Cinta, distrito de Bragança. — Suficiente, com 13 valores.
- Manuel Joaquim Antunes Moreira, filho de Manuel Joaquim Antunes Moreira, natural de Estorões, concelho de Fafe, distrito de Braga. — Suficiente, com 12 valores.
- Mário Alexandre Rebêlo Monteiro Lobo, filho de Alexandre Cardoso Monteiro Lobo, natural de S. Cosme de Besteiros, concelho de Paredes, distrito do Pôrto. — Suficiente, com 11 valores.

FACULDADE DE MEDICINA

NOVA REFORMA

ALUNOS QUE CONCLUÍRAM OS 1.º E 2.º GRUPOS

Acácio da Silva Ribeiro, filho de José Ribeiro, natural de Castelo, distrito de Castelo Branco.

— Adelaide dos Santos Monteiro, filha de Henrique Cesar Monteiro, natural de S. Tiago de Carsurraes, distrito de Viseu.

Amandio de Campos, filho de Manuel Augusto Correia de Campos, natural de Satam, distrito de Viseu.

António Braz de Araújo, filho de Joaquim Braz Junior, natural de Viatodos, concelho de Barcelos, distrito de Braga.

António Maria Branquinho do Amaral Pereira, filho de António Augusto do Amaral Pereira, natural de Arganil, distrito de Coimbra.

António de Oliveira Guimarães, filho de José Joaquim de Oliveira Guimarães, natural de Braga.

Daniel Augusto Pereira de Almeida, filho de Bernardino Pereira de Almeida, natural de Sever do Vouga, distrito de Aveiro.

Fausto Ferreira Lobo, filho de Francisco Ferreira, natural de Coimbra.

João Grade Cabrita Santos, filho de João Gregório Grade Santos, natural de Lagóa, distrito de Faro.

José Marques da Silva, filho de António Marques da Silva, natural de Branca, concelho de Albergaria-a-Velha, distrito de Viseu.

José Nevil de Ascensão Pinto da Cunha Saavedra, filho de José Maria Rodrigues de Ascensão, natural de Santo André de Canivelo, distrito do Porto.

José Rito, filho de José Francisco Novo, natural da Gafanha, concelho de Ilhavo, distrito de Aveiro.

José Simões de Carvalho, filho de Elisio Biscainho de Carvalho, natural de Maiorca, concelho da Figueira da Foz, distrito de Coimbra.

Manuel Martins Marques, filho de José Martins Marques, natural de Rio Tinto, concelho de Gondomar, distrito do Porto.

Pedro António dos Santos Boto Machado, filho de António Augusto Boto Machado, natural de Vinhó, concelho de Gouveia, distrito da Guarda.

— Teresa Deolinda de Jesus Machado, filha de António Rodrigo Machado, natural de Braga.

PERÍODO TRANSITÓRIO

ALUNOS QUE CONCLUÍRAM A SUA FORMATURA

Eduardo de Moura Gomes, filho de José Eduardo Gomes, natural de Alemquer, distrito de Lisboa.

José Augusto Coutinho de Oliveira, filho de José Augusto de Oliveira, natural de S. Paulo de Loanda.

José Joaquim Simões de Carvalho, filho de Joaquim Simões de Carvalho, natural de Leomil, concelho de Almeida, distrito da Guarda.

FACULDADE DE SCIÊNCIAS

ESCOLA NOVA REFORMA

Secção de sciências matemáticas

António Aires de Abreu, filho de Manuel Aires de Abreu, natural de Galafura, concelho de Pêso da Régua, distrito de Vila Real.

António de Sousa Agostinho Júnior, filho de António de Sousa Agostinho, natural de Almancil, concelho de Loulé, distrito de Faro.

Armando Cassiano, filho de António Cassiano Pereira Mendes, natural da Covilhã, distrito de Castelo Branco.

Bartolomeu Alves Monteiro, filho de José Alves Monteiro, natural do Fundão, distrito de Castelo Branco.

Gumersindo Sarmento da Costa Lobo, filho de Francisco Miranda da Costa Lobo, natural de Coimbra.

Manuel António Braga da Cruz, filho de José António da Cruz, natural de Tadim, distrito de Braga.

Manuel Dias Fernandes, filho de António Dias Fernandes, natural de Alfafar, concelho de Penela, distrito de Coimbra.

Maria Baptista dos Santos Guardiola, filha de António Augusto dos Santos Guardiola, natural de Bragança.

Maria Sara de Figueiredo Figueiral, filha de Joaquim Marques Figueiral, natural de Viseu.

Secção de sciências fisico-químicas

Alice Augusta dos Santos Guardiola, filha de António Augusto dos Santos Guardiola, natural de Bragança.

Domingos Ramos Paiva, filho de Manuel Ramos Paiva, natural de S. Paulo (Brasil).

Elvira Maria da Silva e Sousa, filho de José Augusto de Sousa, natural de Vouzela, distrito de Viseu.

Jaime da Graça Mira, filho de António da Graça Mira, natural de Alte, concelho de Loulé, distrito de Faro.

José Galé Lêngua, filho de Henriqueta Galé Lêngua, natural de Elvas, distrito de Portalegre.

PERÍODO TRANSITÓRIO

Alfredo Mendonça da Costa Ataíde, filho de Domingos Mendonça Ataíde, natural de Ateões, concelho de Vila Verde, distrito de Braga.

Jacinto Augusto Guedes, filho de David Augusto Guedes, natural de Cambres, concelho de Lamego, distrito de Viseu.

ESCOLA SUPERIOR DE FARMÁCIA

ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO DE FARMACEUTICOS QUÍMICOS
NO ANO LECTIVO DE 1918-1919

✓ Carminda Chaves Maia, filha de Manuel Simões Maria da Fonte, natural de Aradas, distrito de Aveiro.

Ernesto Herculano Rodrigues, filho de Manuel Rodrigues Júnior, natural de Vila Franca do Campo, distrito de Ponta Delgada.

Francisco Teixeira Botelho, filho de Bernardo Botelho da Costa, natural de Cabo Verde.

João da Cunha Vasconcelos, filho de Manuel da Cunha Vasconcelos, natural de Vila da Praia, distrito de Angra do Heroísmo.

Joaquim Victorino Faria de Aboim, filho de Joaquim Aniceto de Aboim, natural de Loulé, distrito de Faro.

✓ Laura de Almeida Leite, filha de Manuel de Oliveira Leite, natural de Ouca, concelho de Vagos, distrito de Aveiro.

✓ Lisete Figueira, filha de Luís Nunes de Campos Figueira, natural de Lisboa.

ESCOLA NORMAL SUPERIOR

ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O CURSO

MAGISTERIO LICEAL

Secções de Ciências e de Letras

Secção de filologia clássica

Augusto de Almeida Cavacas, filho de António de Almeida Cavacas, natural de Coentral, concelho de Castanheira de Pêra, distrito de Leiria. — Muito bom, 18 valores.

Secção de filologia românica

- António Correia de Almeida e Oliveira, filho de Custódio de Almeida Correia, natural de S. Pedro do Sul, distrito de Viseu. — Suficiente, com 12 valores.
- Manuel Carlos Martins, filho de João Martins Carlos, natural de Pousafóles, concelho de Sabugal, distrito da Guarda. — Suficiente, com 13 valores.
- Maria Emilia Duarte Costa, filha de Carlos Marques da Costa, natural de S. Pedro do Sul, distrito de Viseu. — Suficiente, com 13 valores.

Secção de filologia germânica

- Francisco Artur Correia, filho de Manuel António Fidalgo, natural de Vila Real — Suficiente, com 10 valores.
- José Joaquim Simões, filho de Manuel Fernandes Monteiro, natural de Vilar Formoso, concelho de Almeida, distrito da Guarda. — Suficiente, com 11 valores.

Secção de históricas geográficas

- António Bandeira, filho de José Bandeira, natural de Eiras, distrito de Coimbra. — Suficiente, com 10 valores.
- Arnaldo Cardôso e Cunha, filho de António Cardôso e Cunha, natural de Vila Franca da Serra, concelho de Gouveia, distrito da Guarda. — Suficiente, com 11 valores.
- José Maria Mendes Carneiro, filho de Manuel José Gonçalves Carneiro, natural de Viana do Castelo. — Suficiente, com 10 valores.

Secção de sciências matemáticas

- Alberto Sá de Oliveira, filho de Joaquim Augusto Borges de Oliveira, natural de Coimbra. — Suficiente, com 13 valores.
- Francisco Ferreira Neves, filho de José Ferreira Neves, natural de Aveiro — Bom, com 15 valores.
- Mercêdes de Jesus Lopes Monteiro, filha de Manuel Maria Lopes Monteiro, natural de Castanheiro do Norte, concelho de Carrazeda de Anciães, distrito de Bragança. — Suficiente, com 13 valores.

Secção de sciências fisico-químicas

- Albano de Carvalho Sardoeira, filho de Avelino de Melo Alves Sardoeira, natural de Amarante, distrito do Porto. — Suficiente, com 10 valores.
- António Augusto Riley da Mota, filho de Dinis Moreira da Mota, natural de Ponta Delgada. — Muito bom, com 19 valores.

- António Pereira de Magalhães, filho de José Pereira de Magalhães, natural de Montes, concelho de Alcobaça, distrito de Leiria. — Bom, com 16 valores
- Fernando Luís de Moraes Zamith, filho de João de Moraes Zamith, natural de Santa Maria Maior, distrito de Viana do Castelo. — Bom, com 17 valores.
- Francisco de Sena Estêves de Oliveira, filho de Francisco Estêves de Oliveira, natural de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco. — Bom, com 15 valores
- Joaquim de Oliveira Tôrres, filho de Antonio de Oliveira Tôrres, natural de S. Martinho de Dume, distrito de Braga. — Suficiente, com 10 valores.
- José de Sena Estêves de Oliveira, filho de Francisco Estêves de Oliveira, natural de Idanha-a-Nova, distrito de Castelo Branco. — Suficiente, com 10 valores.
- Maria Emília Moreira Salvador, filha de João António Salvador, natural do Pôrto. — Suficiente, com 11 valores.
- Mário Goulart Barbosa, filho de António José Barbosa, natural de Santa Rita — Rio de Janeiro (Estados Unidos do Brasil). — Bom, com 16 valores.

Secção de sciencias histórico-naturais

- José da Vera Cruz Pestana, filho de José da Vera Cruz Pestana, natural de Viseu. — Bom, com 17 valores.

ALUNOS CLASSIFICADOS NO ANO LECTIVO
DE 1918-1919

FACULDADE DE LETRAS

Secção de filologia germânica

Distintos com 16 valores:

António Maia Arôso.
José Francisco dos Santos.
Mário de Almeida Andrade.

FACULDADE DE DIREITO

Sciências histórico-jurídicas

NOVÍSSIMA REFORMA

Distintos com 17 valores:

José Dias dos Santos Coelho.
José da Graça Pôrto.

Distintos com 16 valores:

Américo Gomes de Andrade e Oliveira.
— Cândida Sofia Ribeiro da Rocha.
Emílio Damas Pombo Salgueiro.
Joaquim Tavares Machado.
José Baeta Ferreira de Queirós.
Manuel de Gusmão Mascarenhas Gaivão.

Sciências económicas e politicas

PARTE FUNDAMENTAL

Distintos com 16 valores:

Abel de Campos Vieira Neves.
Alberto de Castro Bessa de Carvalho.
António de Abreu Lobo.
António Cardoso de Sampaio e Pinho.
António Francisco Correia da Graça Miranda.
Cândido Agostinho Apolinário Salvador S. Francisco Xavier Ferreira.
Manuel Ribeiro Pontes.

PARTE COMPLEMENTAR

Distinto com 17 valores :

António Pedro Pinto de Mesquita Carvalho Magalhães.

Distintos com 16 valores :

Caetano Xavier Jacinto Vicente Francisco da Piedade
Monte da Siva.

Rui Delfim Gomes Ferreira de Carvalho.

Sciencias juridicas

PARTE FUNDAMENTAL

Distintos com 18 valores :

João Luís Augusto das Neves.

José Carlos Martins Moreira.

Distintos com 17 valores :

Domingos Luizelo Alves Moreira.

Joaquim de Jesus Coelho.

Distintos com 16 valores :

Acácio de Amorim Girão.

Alberto Paulo Menano.

Alfredo Ferreira Peres.

PARTE COMPLEMENTAR

Distinto com 20 valores :

Manuel Rodrigues Júnior.

Distintos com 18 valores :

João Luís Augusto das Neves.

José Henrique de Azevedo Perdigão.

José Gualberto Chaves Marques de Sá Cardoso.

Distinto com 17 valores :

António Tavares da Silva Júnior.

Distintos com 16 valores :

Guilherme Luizelo Alves Moreira.

Rafael da Silva Neves Duque.

Rui de Moraes Cunha e Costa.

FACULDADE DE MEDICINA

NOVA REFORMA

1.º EXAME — Anatomia descritiva e Anatomia topográfica

Distinto com 18 valores:

João Antunes da Cruz Neves.

Distinto com 17 valores:

Calisto Martins Baptista.

Distintos com 16 valores:

António Lopes Rodrigues.

— Leonilde Rêgo Costa.

2.º EXAME — Histologia, Fisiologia e Quimica fisiológica

Distinto com 16 valores:

João Raimundo Ramos Passos.

3.º EXAME — Farmacologia

Distinto com 18 valores:

José da Costa.

Distintos com 17 valores:

António Cerveira.

Augusto Botelho Simas.

Calisto Martins Baptista.

Distintos com 16 valores:

António de Melo Júnior.

José de Almeida Feijão.

José Maria da Costa Pereira Pacheco Sacadura Bote.

Júlio Augusto de Melo Cabral.

— Leonilde Rêgo Costa.

4.º EXAME — Anatomia patológica, Bacteriologia e Parasitologia

Distinto com 19 valores:

Eduardo Carneiro de Araujo Coelho.

Distintos com 17 valores:

António Cerveira.

João Antunes da Cruz Neves.

Distintos com 16 valores:

António Manso da Cunha Vaz.
 Calisto Martins Baptista.
 João Esquível.
 José de Almeida Feijão.
 José António Crespo.
 José Maria da Costa Pereira Pacheco Sacadura Bote.
 Júlio Augusto de Melo Cabral.
 Manuel Ferreira Peixoto Fonseca.
 Pompeu de Melo Cardoso.

5.º EXAME — Clinica médica, Terapêutica e Especialidades médicas*Distinto com 18 valores:*

Luis Artur Fontoura de Sequeira.

Distintos com 17 valores:

— Adelaide dos Santos Monteiro.
 António Augusto dos Santos.
 José Nevil de Ascensão Pinto da Cunha Saavedra.

Distintos com 16 valores:

Alexandrino Rodrigues Costa.
 David Augusto Pereira de Almeida.
 José Marques da Silva.

**6.º EXAME — Clinica cirúrgica, Terapêutica
e Especialidades cirúrgicas***Distinto com 17 valores:*

Accácio da Silva Ribeiro.
 Eustáquio Piciochi Garcia Júnior.

Distintos com 16 valores:

— Adelaide dos Santos Monteiro.
 Amândio de Campos.

7.º EXAME — Clinica obstétrica e Clinica ginècológica*Distinto com 17 valores:*

José Pilar de Oliveira Barros.

Distintos com 16 valores:

Américo Cortês Pinto.
 Aristides Cândido da Costa e Silva.
 Vergílio Oscar dos Santos Mota.

8.º EXAME — Medicina legal, Higiene, Toxicologia, Epidemiologia
e Clínica psiquiátrica

Distinto com 19 valores :

José Bacalhau.

Distintos com 16 valores :

Agostinho Tavares de Aguiar Cabral.

Aristides Cândido da Costa e Silva.

Fausto Frazão.

João do Vale Betencourt.

José Puga de Moraes.

Nuno Pereira de Sande Sacadura Bote Côte-Real.

FACULDADE DE CIÊNCIAS

Álgebra superior, Geometria analitica e Trigonometria esférica

Distinto com 18 valores :

António Marques Esparteiro.

Distintos com 17 valores :

Emircio Leão Maria Magno Teixeira Pinto.

José Cândido Ferreira Lima Castro e Sousa.

Distintos com 16 valores :

José Salvador Mendes.

Mário Rêgo Costa.

Matemáticas gerais

Distinto com 16 valores :

Manuel Aires Mateus.

Cálculo diferencial integral e das variações

Distintos com 16 valores :

Adriano da Silva Baptista.

Alberico Teixeira de Almeida.

José de Jesus Bressane Leite Perry de Sousa Gomes.

Mecánica racional

Distintos com 17 valores :

Albino do Amaral Cabral.

Alfredo da Câmara Júnior.

Augusto Cardoso.

Distintos com 16 valores :
 Alberico Teixeira de Almeida.
 Artur de Noronha Campos.
 Mário Porges.

PERÍODO TRANSITÓRIO

Distinto com 18 valores :
 Adilio Gonçalves Prêsa.

Distinto com 17 valores :
 Sebastião Martins Nogueira Soares.

Física

CURSO GERAL

Distinto com 17 valores :
 José Salvador Mendes.

Electricidade

Distinto com 17 valores :
 Alberico Teixeira de Almeida.

Distinto com 16 valores :
 Alfredo da Câmara Júnior.

Geometria descritiva e Estereotomia

Distintos com 18 valores :
 Mário Augusto da Silva.
 Miguel dos Santos e Silva Júnior.

Distinto com 17 valores :
 Carlos de Castro Pereira Pais.

Mineralogia e geologia

CURSO GERAL

Distinto com 16 valores :
 João Correia Dias Urbano.

BACHARELATO

Sciências matemáticas

Grupo de Geometria descritiva e projectiva

Distintos com 18 valores :

Álvaro Sequeira Ribeiro.
António Meliço Silvestre.
Armando da Fonseca Alves Filipe.
Manuel dos Reis.

Distinto com 17 valores :

Luís Beda de Sousa Tavares Neto.

Distinto com 16 valores :

Amável Lopes das Neves.

Grupo de Análise superior e Cálculo das probabilidades
e suas aplicações

Distinto com 16 valores :

Manuel António Braga da Cruz.

Grupo de Fisica e Quimica

CURSO GERAL

Distinto com 16 valores :

Carlos Ferrer Moncada.

Sciências fisico-químicas

Grupo de álgebra superior, geometria analitica

e trigonometria esférica, e cálculo diferencial, integral e das variações

Distintos com 18 valores :

Álvaro Sequeira Ribeiro.
Augusto Cardoso.
Rui Gustavo Couceiro da Costa.

Distintos com 17 valores :

Antero Mário Falcão Leite Pereira de Seabra da Veiga
Magalhães.
Mário António da Cunha Mora.
Mário Rêgo Costa.
Mateus Pestana de Gouveia.

Distintos com 16 valores :

José Galé Lêngua.
Luís Beda de Sousa Tavares Neto.
Raul Guimarães Vieira de Campos de Carvalho.

**Crupo de Física dos sólidos e dos fluidos, Acústica, Ótica
e Calor e Electricidade**

Distintos com 16 valores :

Gumersindo Sarmiento da Costa Lobo.
Manuel António Braga da Cruz.

**Grupo de Química inorgânica, Química orgânica,
Análise química qualitativa, Análise química quantitativa
e Química-física**

Distinto com 19 valores :

Rui Gustavo Couceiro da Costa.

Distinto com 17 valores :

Guilherme de Barros e Cunha.

Distinto com 16 valores :

David Cecílio Sardinha.

Desenho rigoroso*Distintos com 16 valores :*

António Perestrelo Botelho.
Joaquim Mendes dos Remédios de Sousa Brandão.
Manuel Basílio do Carmo Chaves de Sá Carneiro.
Vitor Barbosa da Silva Carvalho.

Desenho de máquinas*Distinto com 18 valores :*

Luís Beda de Sousa Tavares Neto.

Distintos com 17 valores :

Alfredo Torres Baptista.
José António Madeira.
Mário António da Cunha Mora.

Distintos com 16 valores :

Carlos Ferrer Moncada.
Manuel de Aires Mateus.
Nuno de Barros e Cunha.

Desenho topográfico

Distinto com 18 valores :

Alvaro Luís de Oliveira Pessa.

Distintos com 17 valores :

José António Madeira.

Luís Beda de Sousa Tavares Neto.

Manuel de Aires Mateus.

Distintos com 16 valores :

Carlos Férrer Moncada.

Felismina Elisa Serrano Correia.

Joaquim Mendes Moreira de Sacadura.

Mário António da Cunha Mora.

Miguel dos Santos e Silva Júnior.

ESCOLA SUPERIOR DE FARMÁCIA

2.º SUB-GRUPO

Relação dos alunos que concluíram o curso
de Farmacêutico-químico*Distinto com 16 valores :*

Joaquim Vitorino Faria de Aboim, filho de Joaquim Aniceto Faria de Aboim, natural de Loulé.

INFORMAÇÕES FINAIS EM MÉRITO LITERÁRIO

Distinta com 16 valores :

— Lisette Figueira, filha de Luís Nunes de Campos Figueira, natural de Lisboa.

Distinta com 18 votos:
 Álvaro Luis de Oliveira Pessa.

Distinta com 17 votos:
 José António Madeira,
 Luis Boda de Sousa Tavares Neto,
 Manuel de Aires Matos.

Distinta com 16 votos:
 Carlos Férter Moncada,
 Felismina Elías Serrano Corveia,
 Joaquim Mendes Moreira de Sacadura,
 Mario António da Cunha Mota,
 Miguel dos Santos e Silva Junior.

ESCOLA SUPERIOR DE FARMACIA

2.º curso

Relação dos alunos que concluíram o curso
 de Farmacêutico-Químico

Distinta com 18 votos:
 Joaquim Vitorino Faria de Abreu, filho de Joaquim Ant-
 onio Faria de Abreu, natural de Loulé.

FORMAÇÕES XINAIS EM MÉRITO LITERÁRIO

Distinta com 16 votos:
 Isabelle Pinheiro, filha de Luis Nunes do Campo, Fi-
 lizeta, natural de Lisboa.

ESTATÍSTICA DOS ESTUDANTES

Que frequentaram a Universidade de Coimbra
no ano lectivo de 1918-1919,
com a designação das respectivas províncias e distritos

Províncias	Distritos	N.º de estudantes		Total geral
		Por distritos	Por províncias	
Minho	Braga	67	91	1:027
	Viana do Castelo...	24		
Trás os Montes ..	Vila Rica	34	74	
	Bragança	40		
Douro.	Porto	123	357	
	Aveiro	81		
Beira Alta	Coimbra	153	438	
	Viseu	-		
Beira Baixa	Castelo Branco.. ..	62	148	
	Guarda	86		
Extremadura	Lisboa	53	130	
	Santarém	44		
	Leiria	33		
Alentejo	Evora	13	59	
	Beja	44		
Algarve.	Portalegre	32	30	
	Faro	-		
Ilhas adjacentes				
Açores	Orientais . Ponta Delgada.....	28	72	
	Centrais . Angra do Heroísmo	8		
	Ocidentais Horta	3		
Madeira	Funchal	33		
África	Cabo Verde	4	67	
	S. Tomé	2		
	Loanda	1		
	Benguela	1		
	Mossâmedes	3		
	Ambrís	1		
Moçambique	1			
Ásia.. -Estados da Índia.		13		
Brazil		39		
Espanha		1		
Itália		1		
Total geral (contados individualmente).....				1:166

Secretaria geral da Universidade de Coimbra, em 26 de Setembro de 1920.

O Secretário Geral — *Manuel da Silva Gaio.*

ESTADÍSTICA DOS ESTUDANTES

Que frequentaram a Universidade de Coimbra
no ano lectivo de 1918-1919
com a designação das respectivas provincias e districtos

Total geral	N.º de estudantes		Districtos	Provincias
	Por dis- trictos	Por pro- vincias		
1:037	07	07	Braga	Minho
	24	24	Viana do Castelo	
	34	34	Vila Rica	Trás os Montes
	40	40	Bragança	
	123	123	Porto	Douro
	81	81	Aveiro	
	153	153	Coimbra	Beira Alta
	-	-	Viseu	
	02	02	Castelo Branco	Beira Baixa
	88	88	Guarda	
	53	53	Lisboa	Estremadura
	44	44	Santarém	
	32	32	Laria	Alentejo
	13	13	Evora	
14	14	Beja	Algarve	
32	32	Portalegre		
30	-	Faro		
79	26	26	Ponta Delgada	Açores
	8	8	Angra do Heroísmo	
	3	3	Horta	Madeira
	33	33	Funchal	
07	4	4	Cabo Verde	Africa
	2	2	S. Tomé	
	1	1	Boanda	
	1	1	Benguela	
	3	3	Mossâmedes	
	1	1	Ándria	
	1	1	Mozambique	
	13	13	Índia	Ásia
	29	29	Estados da Índia	
	1	1	Brazil	América
1	1	Espanha		
1	1	Italia		
1:100	Total geral (contados individualmente)			

Secretaria geral da Universidade de Coimbra, em 20 de
Setembro de 1920.
O Secretario Geral — Manuel da Silva Faro.

FACULDADE DE LETRAS

CORPO DOCENTE

Director

Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos

Secretario

Dr. Augusto de Castro e Almeida

FACULDADES E ESCOLAS

Faculdade de Letras

Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães, professor ordinario

CORPO DOCENTE E ASSISTENTES;
PESSOAL NÃO DOCENTE;
ALUNOS.

Dr. Joaquim Mendes dos Santos, professor ordinario

Dr. Augusto **ANO LECTIVO DE 1918-1919**

Vago um lugar de professor ordinario
Mário Ribeiro, professor contratado

3º GRUPO

Filologia germanica

Dr. D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, prof. ordinario

Vago um lugar de professor ordinario

John Gull, professor contratado

Vago um lugar de professor contratado

4º GRUPO

Hebraica

Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, prof. ordinario

Dr. Manuel Gonçalves Carneiro, prof. ordinario

Dr. João Maria José de Matos e Silva, prof. ordinario

5º GRUPO

Geographia

Dr. António Ferraz de Castro, professor ordinario

FACULDADES E ESCOLAS

ALUNOS.
PESSOAL NÃO DOCENTE;
CORPO DOCENTE E ASSISTENTES;

ANO LECTIVO DE 1918-1919

FACULDADE DE LETRAS

CORPO DOCENTE

DIRECTOR

Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos.

SECRETARIO

Dr. Eugénio de Castro e Almeida.

1.º GRUPO

Filologia clássica

Dr. José Joaquim de Oliveira Guimarães, *professor ordinário*.
Vago um lugar de professor ordinário.

2.º GRUPO

Filologia românica

Dr. Joaquim Mendes dos Remédios, *professor ordinário*.
Dr. Eugénio de Castro e Almeida, *professor ordinário*.
Vago um lugar de professor ordinário.
Marius Riquier, *professor contratado*.

3.º GRUPO

Filologia germânica

Dr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, *prof. ordinário*.
Vago um lugar de professor ordinário.
John Opie, *professor contratado*.
Vago um lugar de professor contratado.

4.º GRUPO

História

Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, *prof. ordinário*.
Dr. Manuel Gonçalves Cerejeira, *prof. ordinário*.
Dr. João Maria Telo de Magalhães Colaço, *prof. provisório*.

5.º GRUPO

Geografia

Dr. Anselmo Ferraz de Carvalho, *professor provisório*.

6.º GRUPO

Filosofia

- Dr. Augusto Joaquim Alves dos Santos, *professor ordinário*.
 Dr. Joaquim de Carvalho, *prof. ordinário*.
 Dr. Eusébio Barbosa Tamagnini de Matos Encarnação, *professor provisório*.

ASSISTENTES

1.º GRUPO

Filologia clássica

- Dr. Carlos Simões Ventura, *assistente provisório*.
 Dr. José Simões Neves.

2.º GRUPO

Filologia românica

Vagos dois lugares de assistentes.]

3.º GRUPO

Filologia germânica

- Dr. Ferrand Pimentel de Almeida, *assistente provisório*.
 Dr. João da Providência Sousa e Costa, *assistente provisório*.

4.º GRUPO

História

Vagos dois lugares de assistente.

5.º GRUPO

Geografia

B.º Aristides de Amorim Girão, *assistente provisório*.

6.º GRUPO

Filosofia

Professores da extinta Faculdade de Teologia

- Dr. Bernardo Augusto de Madureira.
 Dr. Manuel de Azevedo Araujo e Gama (¹).

(¹) Julgado incapaz de serviço.

PESSOAL NÃO DOCENTE

SECRETARIA E BIBLIOTECA

Oficial-chefe da Secretaria — Plínio de Abreu e Vasconcelos.

Amanuense da Secretaria — João Rodrigues Martins.

Conservador da Biblioteca — António Mercês.

Bedel — Francisco Lopes Lima de Macedo.

PESSOAL MENOR

Porteiro e guarda do edificio, chefe do pessoal menor — Abel Franco Colaço.

Contínuos :

Joaquim de Campos Calhau.
João de Melo.

Serventes :

António Pereira.
José Mendes Canhão.

ALUNOS MATRICULADOS

PRIMEIRO ANO

Lingua e literatura latina — I

Abílio Augusto da Silva Fontes.
 Adelino Moreira Ramos.
 António Joaquim Monteiro.
 António Marques de Jesus.
 Arminda de Almeida Rosa.
 Desidério Eugénio da Caridade Frias.
 Emília da Piedade Carvalho Felix.
 Ernestina Cardoso.
 Fernanda Eduarda do Nascimento Albuquerque.
 Fernando José da Silva.
 Joaquim Ferreira de Macedo Faria Gajo.
 José Lopes Martins Júnior.
 José dos Reis Bigote Chorão.

Curso elementar de grego

Abílio Augusto da Silva Fontes.
 Adriano Felipe Afonso.
 António Joaquim Monteiro.
 António Marques de Jesus.
 Arminda de Almeida Rosa.
 Desidério José da Caridade Frias.
 Emília da Piedade Carvalho Felix.
 Ernestina Cardoso.
 Ernesto Ramos Faxe.
 Fernanda Eduarda do Nascimento Albuquerque.
 Fernando José da Silva.
 João Ferreira da Costa.
 Joaquim Ferreira de Macedo Faria Gajo.
 José dos Reis Bigote Chorão.
 Luciano Maria Ferreira de Sá.
 Mário de Almeida Andrade.

Filologia portuguesa

Abílio Augusto da Silva Fontes.
 Adelino Moreira Ramos.
 Alfredo da Encarnação Coelho.
 António Joaquim Monteiro.
 António Júlio do Espírito Santo Lopes.
 António Marques de Jesus.
 Arminda de Almeida Rosa.
 Desidério Eugénio da Caridade Frias.
 Emília da Piedade Carvalho Felix.
 Ernestina Cardoso.

Ernesto Ramos Faisca.
 Eurico Simões Serra.
 Fernando Eduardo do Nascimento Albuquerque.
 Fernando José da Silva.
 Fernando de Oliveira e Silva.
 Henrique Dias Freire.
 Jerónimo Salvador Constantino Sócrates da Costa.
 João Ferreira da Costa.
 José Lopes Martins Júnior.
 José dos Reis Bigote Chorão.
 Luciano Maria Ferreira de Sá.
 Manuel de Gusmão de Mascarenhas Gaivão.
 Margarida Amância de Bacelar Botelho Ribeiro da Silva.
 Maria Alice dos Reis Torgal.
 Maria Manuela Borges Rodrigues.
 Maria da Nazaré de Sousa Caires Pinto Madureira.
 Rui António de Sousa Machado.

História de Portugal — III

Abilio Augusto da Silva Fontes.
 Adriano Felipe Afonso.
 Alfredo da Encarnação Coelho.
 António Joaquim Monteiro.
 António Júlio do Espírito Santo Lopes.
 António Marques de Jesus.
 Arminda de Almeida Rosa.
 Desidério Eugénio da Caridade Frias.
 Domingos Martins Romão.
 Emília da Piedade Carvalho Felix.
 Ernestina Cardoso.
 Ernesto Ramos Faisca.
 Eurico Simões Serra.
 Fernanda Eduarda do Nascimento Albuquerque.
 Fernando José da Silva.
 Fernando de Oliveira e Silva.
 Henrique Dias Freire.
 Jerónimo Salvador Constantino Sócrates da Costa.
 João Ferreira da Costa.
 José Augusto da Costa Tavares Ferreira.
 José dos Reis Bigote Chorão.
 Luciano Maria Ferreira de Sá.
 Manuel de Gusmão de Mascarenhas Gaivão.
 Manuel Inácio de Betencourt Júnior.
 Margarida Amância de Bacelar Botelho Ribeiro da Silva.
 Maria Alice dos Reis Torgal.
 Maria Manuela Borges Rodrigues.
 Maria da Nazaré de Sousa Caires Pinto Madureira.
 Mário de Matos Ramos.
 Rui António de Sousa Machado.

História antiga

António Marques de Jesus.
 Carlos Alberto Lopes Moreira.
 Desidério Eugénio da Caridade Frias.
 Ernesto Ramos Faisca.
 Fernando José da Silva.
 Henrique Dias Freire.
 Jerónimo Luís da Costa.
 João Ferreira da Costa.
 José dos Reis Bigote Chorão.
 Luciano Maria Ferreira de Sá.
 Manuel António de Magalhães Carvalho.
 Manuel de Gusmão Mascarenhas Gaivão.
 Maria Alice dos Reis Torgal.
 Maria Manuela Borges Rodrigues.
 Mário Mendes dos Remédios de Sousa Brandão.

História geral da civilização

João António Transmontano.
 Manuel António Pires.
 Manuel Inácio de Betencourt Júnior.

Propedêutica histórica

Ernesto Ramos Faisca.
 Henrique Dias Freire.
 João Ferreira da Costa.
 Luciano Maria Ferreira de Sá.
 Manuel de Gusmão de Mascarenhas Gaivão.
 Maria Alice dos Reis Torgal.
 Maria Manuela Borges Rodrigues.

Latim medieval e bárbaro

Henrique Dias Freire.
 Luís Guimarães Vieira de Campos de Carvalho.
 Manuel de Gusmão de Mascarenhas Gaivão.
 Maria Alice dos Reis Torgal.
 Maria Manuela Borges Rodrigues.
 Mário Mendes dos Remédios de Sousa Brandão.

Psicologia geral

Abílio Augusto da Silva Fontes.
 António da Encarnação Coelho.
 António Joaquim Monteiro.
 António Júlio do Espírito Santo Lopes.
 Alfredo Marques de Jesus.

Arminda de Almeida Rosa.
 Desidério Eugénio da Caridade Frias.
 Dionísia Camões.
 Emília da Piedade Carvalho Felix.
 Ernestina Cardoso.
 Ernesto Ramos Faísca.
 Eurico Simões Serra.
 Fernanda Eduarda do Nascimento Albuquerque.
 Fernando José da Silva.
 Fernando de Oliveira e Silva.
 Francisco Garcia de Brito.
 Henrique Dias Freire.
 Jerónimo Salvador Constantino Sócrates da Costa.
 João Ferreira da Costa.
 João Luís Caldas.
 José dos Reis Bigote Chorão.
 Luciano Maria Ferreira de Sá.
 Manuel de Gusmão de Mascarenhas Gaivão.
 Manuel Inácio de Betencourt Júnior.
 Margarida Amância de Bacelar Botelho Ribeiro da Silva.
 Maria Alice dos Reis Torgal.
 Maria Manuela Borges Rodrigues.
 Maria da Nazaré de Sousa Caires Pinto Madureira.
 Rui António de Sousa Machado.

Lingua e literatura francesa — I

Abílio Augusto da Silva Fontes.
 Adriano Felipe Afonso.
 António Joaquim Monteiro.
 António Marques de Jesus.
 Arminda de Almeida Rosa.
 Emília da Piedade Carvalho Felix.
 Ernestina Cardoso.
 Fernanda Eduarda do Nascimento Albuquerque.
 Fernando José da Silva.
 Joaquim Ferreira de Macedo Faria Gajo.
 José dos Reis Bigote Chorão.

Curso prático de francês — I

Os mesmos inscritos em Língua e literatura francesa.

Lingua e literatura inglesa — I

Alfredo da Encarnação Coelho.
 António Júlio do Espírito Santo Lopes.
 Artur de Figueiredo Rosa.
 Eurico Simões Serra.
 Fernando de Oliveira e Silva.

João Luís Caldas.
 Margarida Amância de Bacelar Botelho Ribeiro da Silva.
 Maria de Nazaré de Sousa Caires Pinto Madureira.

Curso prático de inglês — I

Adriano Pais da Silva Vaz Serra.
 Alfredo da Encarnação Coelho.
 António Júlio do Espírito Santo Lopes.
 Artur de Figueiredo Rosa.
 Domingos Martins Romão.
 Eurico Simões Serra.
 Fernando de Oliveira e Silva.
 Germano Ferreira de Carvalho.
 João Luís Caldas.
 Margarida Amância de Bacelar Botelho Ribeiro da Silva.
 Maria da Nazaré de Sousa Caires Pinto Madureira.

Geografia geral

Henrique Dias Freire.
 Jaime Resendes do Couto.
 Manuel de Gusmão de Mascarenhas Gaivão.
 Maria Alice dos Reis Torgal.
 Maria Manuela Borges Rodrigues.

SEGUNDO ANO

Lingua e literatura latina — II

Adriano Felipe Afonso.
 Celestino Monteiro Soares de Azevedo.
 Horácio Afonso de Mesquita.
 Luís Osório.
 Manuel Maria Múrias Júnior.
 Maria José Saavedra.
 Maria de Lourdes Maldonado.

Lingua e literatura grega — I

Adelino Moreira Ramos.
 António Francisco Salvador Crisólogo de Santa Catarina Fernandes.
 Luís Osório.
 Maria da Luz Sobral.

História de Portugal — II

Adelino Moreira Ramos.
 Aires de Barros Faria.